

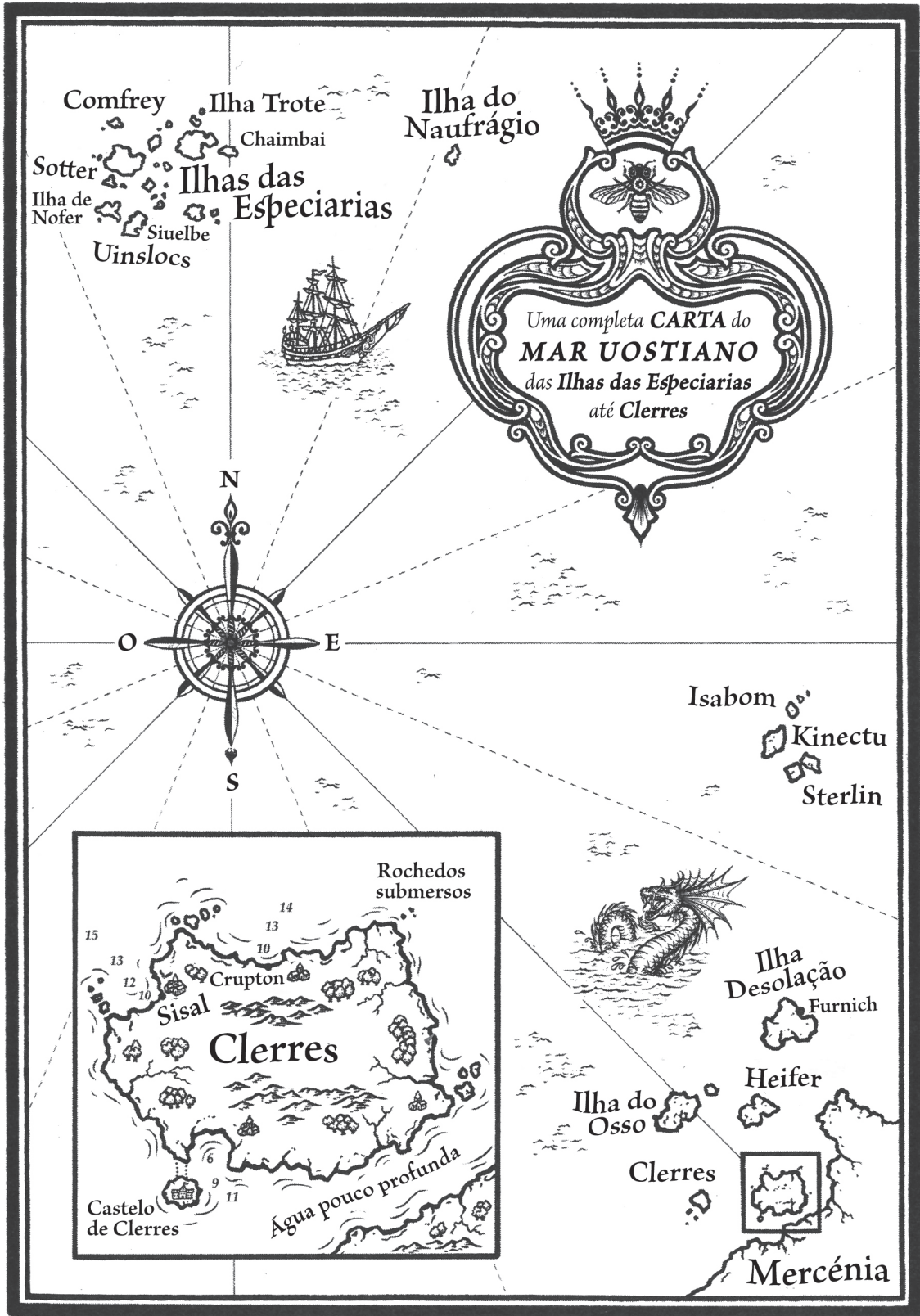
o destino do assassino
saga assassino e o bobo / livro 5
robin hobb

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Ao Fitz e ao Bobo,
Os meus melhores amigos há mais de vinte anos*

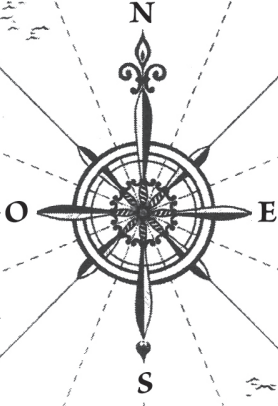


Comfrey
Ilha Trote
Sotter
Ilha de Nofer
Uinslocs
Siuelbe
Chaimbai

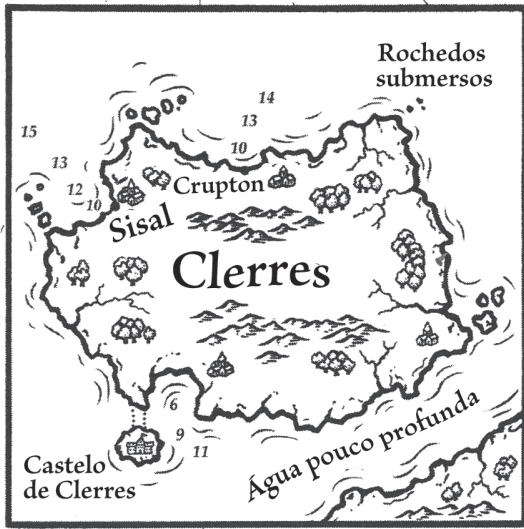
Ilha do Naufrágio

Ilhas das Especiarias

Uma completa *CARTA* do
MAR UOSTIANO
das *Ilhas das Especiarias*
até Clerres



Isabom
Kinectu
Sterlin



Ilha do Osso
Heifer
Clerres
Mercénia
Furnich
Ilha Desolação

CAPÍTULO 21

À Vela

A primeira vez que a montanha ardeu foi no verão. Alguns disseram que os tremores de terra quebraram a montanha distante. Outros que a montanha despertou, e que isso levou a terra a tremer.

Não fora a primeira vez que a terra tremia debaixo de nós. Sempre tinha havido tremores. Daí termos sempre construído com pedra rica nos fios de prata que podiam ser encantados para permanecerem firmes e se lembrarem do seu propósito no mundo. Mas naquele tremor, apesar de a maior parte dos nossos edifícios ter permanecido firme, abriu-se uma fenda na própria terra desde o rio até ao Bairro dos Latoeiros. Mais tarde, essa fenda viria a encher-se com a água do rio, e nós aceitá-la-íamos como uma parte da nossa cidade.

Caiu sobre a cidade uma chuva que não era apenas água mas continha areia negra. A areia cobriu as ruas e algumas pessoas e três dos dragões ficaram com tosse por causa dela. Nuvens escuras juntaram-se sobre Kelsingra, e o dia foi como a noite durante doze dias. Aves caíram sem vida no chão e peixe deu às margens do rio.

E entretanto, à distância, o que tinha sido o pico nevado do Sisefalk brilhava como um caldeirão de ferro derretido.

Cubo de memória 941, encontrado num
corredor em Aslevjal, transcrito por
Breu Tombastela

Aurora do dia seguinte, os dragões partiram.
Etta cumprira a palavra dada. Tínhamos trabalhado a noite inteira, embarcando provisões e aprontando tudo para aproveitarmos

a primeira maré. Não me parece que os dragões tenham feito avisos ou despedidas a alguém. Ergueram-se do chão e o nosso corvo descreveu círculos por baixo, a crocitar com ar infeliz enquanto eles subiam cada vez mais no céu, descrevendo círculos lentos sobre Partilhas antes de partirem para sueste. Quando baixei o olhar, vi que *Vivácia* estava a todo o pano por baixo deles. Brashen passou por mim no convés a passos largos e eu chamei-lhe a atenção para ela.

“Chegou a notícia ontem ao fim da noite. *Vivácia* estava determinada a ir até à Ilha dos Outros com os dragões, para ver o que aconteceu lá. E depois talvez os siga para Clerres.”

Fitei os dragões e o navio, perguntando a mim próprio o que queria isso dizer para a minha missão, até que Brashen me deu uma palmada nas costas. “Os barris de cerveja não vão arrumar-se sozinhos”, fez notar, e eu dirigi-me para onde Clef estava a manusear um guincho.

Não muito tempo depois, o príncipe das Ilhas dos Piratas aproximou-se num pequeno barco. Sorcor manuseava os remos, remando bem e com força para um homem da sua idade. No centro do barco vinham dois baús ornamentados e um saco de marinheiro em tela. Fidekennit estava empoleirado à proa, com as plumas do chapéu a acenar ao vento. Uma jovem, bem vestida, seguia sentada num dos baús.

Clef viu-os e caminhou com ar determinado na direção do camarote dos capitães. Um momento mais tarde, apareceram tanto Alteia como Brashen. A boca de Alteia estava tensa e os seus olhos semicerrados como os de uma gata furiosa. Brashen parecia descontraído e no comando da situação.

Fidekennit foi o primeiro a subir a escada, seguido pela jovem. Sorcor veio juntar-se-nos no convés. Dois dos marinheiros de Etta saltaram sobre a amurada para trazer os baús para bordo. Enquanto Fidekennit olhava em volta, Sorcor falou. “Bem”, disse, pesadamente. “Aqui estamos.”

“Ideal Ludluck! A mim, jovem, a mim!”, gritou o navio. Sem dirigir uma palavra ou um olhar a Alteia ou Brashen, Fidekennit encaminhou-se para a figura de proa. Gritou à jovem por cima do ombro: “Barla, trata das minhas coisas! Organiza o meu camarote a meu gosto. E despacha-te.”

Sorcor ficou a vê-lo afastar-se e um rubor corou as bochechas do velho pirata. Sem olhar para Brashen ou para Alteia, disse em voz baixa: “Gostaria de ir convosco.”

“Já temos capitães suficientes nesta embarcação”, respondeu Brashen,

tentando suavizar a decisão com humor. “Se estiveres a bordo, não só Fidekennit como todos os marinheiros que nos ofereceste vão olhar para ti antes de obedecerem a qualquer ordem vinda de mim ou de Alteia.”

“Lá isso é verdade”, admitiu Sorcor. Ficámos a observar enquanto o primeiro pesado baú de coisas essenciais para Fidekennit era erguido e descido para o convés do *Modelo Ideal*. Os olhos de Sorcor seguiram a viagem do baú. Soltou um pequeno suspiro. “Querem estar à vontade com o moço, não querem? Não me querem a intervir se achar que estão a ser demasiado duros com o nosso jovem príncipe.”

“Quero”, admitiu Brashen. “Não consigo pensar nele como um moço, muito menos como um príncipe. O navio quer tê-lo a bordo. Tu gostarias que ele aprendesse alguma coisa sobre o nosso ofício.” Soltou uma gargalhada desaprovadora. “E eu gostaria de ter um bocadinho de paz a bordo desta embarcação. Isso só vai acontecer se eu o tratar como a outro tripulante qualquer.”

“Foi o que eu lhe disse ontem à noite, quando a mãe lhe estava a apertar bem aquele amuleto à volta do pescoço. Não me parece que tenha escutado uma palavra do que lhe dissemos. Mas entrego-o nas vossas mãos.” Um pequeno silêncio seguiu-se à capitulação de Sorcor. O velho pirata virou-se para Barla, que estava a guiar o pesado baú para o convés, e disse baixinho: “Moça, diz-lhes para levarem isso de volta. Basta trazerem para bordo o saco de marinheiro.” Depois endireitou as costas. “O Fidekennit e o Trelvestrit deram-se bem sempre que *Vivácia* esteve no porto. Wintrow juntou-os sempre que pôde. Queria que o vosso rapaz ganhasse alguma sensibilidade para a nossa política e um pouco de polimento. Peço-vos desculpa, as palavras são de Wintrow, não minhas!”

Brashen torceu a boca com ironia. “Polimento, hã? Eu teria dito que o Moss-O já tinha o polimento dos Mercadores. Mas não houve ofensa.”

“Eu gostaria que, agora, o vosso rapaz o acompanhasse. Podia ensinar-lhe os vossos costumes, da mesma forma que Trelvestrit aprendeu os nossos costumes com Fidekennit. Ele vai ter de conhecer este convés e tudo o que está acima e abaixo dele. Eu sei que o Fidekennit vai passar por mar duro até ter lugar aqui. Ele nunca viveu a bordo de um navio. Nunca foi...” Abanou a grande cabeça. “Culpa minha”, disse com voz rouca.

“Eu ensino-lhe”, disse Brashen em voz baixa. “Ele vai ter de se vergar um bocado. Mas não vou quebrá-lo de forma deliberada. A primeira coisa que vai ter de aprender é a receber uma ordem.” Pigarreou e pediu

perdão a Sorcor com o olhar. “Cerra os dentes e contém-te, Sorcor.” Depois, Brashen inspirou profundamente e berrou: “Fidekennit! As tuas coisas estão a bordo. Vem cá arrumá-las. Moss-O, mostra-lhe a cama suspensa dele e ajuda-o a organizar-se.”

Moss-O apareceu a correr, com um sorriso no rosto, o qual se desvaneceu quando viu o baú a ser descido ao longo do bordo do navio. Barla encolheu os ombros e desceu a escada atrás do baú. Um momento depois apareceu uma das novas tripulantes, com o saco de marinheiro ao ombro. Pousou-o no convés enquanto Fidekennit se aproximava a passos largos. Não tardara, mas também não se apressara. Olhou para Brashen com as sobrancelhas erguidas. “A minha ‘cama suspensa?’”, perguntou, com um pequeno sorriso nos lábios, como se tivesse a certeza de que o capitão se tinha exprimido mal.

“Mesmo ao lado da minha!”, interveio Moss-O. “Agarra no saco e vamos levá-lo para baixo.” Perguntei a mim próprio se Fidekennit teria ouvido a nota de aviso na voz do amigo.

“Para baixo?”, perguntou Fidekennit, cujas sobrancelhas se aventuravam a subir na direção do cabelo. O seu olhar saltou para Sorcor e esperou que ele intervisse.

Brashen cruzou lentamente os braços sobre o peito. Havia relutância na cara de Sorcor, mas nenhum desafio quando o velho pirata disse: “Boa viagem, Capitão Trel. Que tenhais um mar chão e um vento firme.”

“Duvido que tenhamos qualquer dessas coisas nesta altura do ano, rumando a sueste, mas agradeço o desejo. Entregai os meus cumprimentos à Rainha Etta, por favor. Quero agradecer-lhe mais uma vez por tudo o que fez para nos equipar para esta viagem e nos ajudar a compensar os nossos parceiros comerciais.”

“Assegurar-me-ei de que ela sabe que lhe agradeceis.” Eu conseguia ver a falta de vontade de se ir embora por parte de Sorcor. Atrás dele, uma indignação incrível estava a crescer na cara de Fidekennit. Moss-O pegara no saco de marinheiro.

“Onde estão os meus baús?”, perguntou Fidekennit. “Onde está a minha criada pessoal?”

“Aquilo ali, nas mãos de Trelvestrit, é o teu saco de marinheiro. Embalei-o pessoalmente. Está lá tudo aquilo de que precisas.” Sorcor virou-se lentamente e dirigiu-se à amurada do navio. Em baixo, o bote que os tinha trazido aguardava-o. Barla ergueu a cabeça acima da amurada.

Sorcor abanou a cabeça e disse-lhe por gestos para voltar para o bote. Confusa, ela obedeceu. Sorcor passou uma perna sobre a amurada ao lado da escada de corda. “Honra a memória do teu pai. Faz-te um homem.”

Fidekennit ficou a olhá-lo, enquanto as bochechas se tornavam escarlates. “Eu *sou* um homem!”, berrou às costas de Sorcor.

Brashen falou numa voz calma. “Moss-O. Larga isso.” Assim que o filho obedeceu, virou-se para o príncipe pirata. “Consegues lidar com o teu próprio saco, marujo? Eu posso dizer ao Príncipe FitzCavalaria para te ajudar com ele, se houver necessidade.” A voz dele não revelou nenhuma emoção. Era um capitão a avaliar os limites de uma nova contratação.

Eu tinha visto a cena a desenrolar-se como quem assiste a um espetáculo de fantoches, encostado à amurada do navio, a curta distância. Ao ouvir a sugestão de Trel, endireitei-me e aproximei-me a passo vivo para ajudar com o saco de marinheiro. Fiquei um pouco confundido pelo pedido dele. O saco de tela não era tão grande que apresentasse alguma espécie de desafio. Mas eu empenhara a minha palavra em como ia ajudar a manobrar o navio e tencionava cumprir pelo menos isso.

“Fora do meu caminho! Eu consigo tratar disto!”, declarou Fidekennit. O Capitão Trel deu uma pequena sacudidela à cabeça e eu afastei-me. Fidekennit tinha força mais que suficiente para deslocar o saco de marinheiro, mas exibiu-a com a carrancuda reação excessiva de um rapazinho mimado. Fiz lembrar a mim mesmo que ele não era problema meu e dirigi-me para a cabina de Âmbar.

Aí fui encontrar o Bobo, sentado de pernas cruzadas no beliche inferior, com um dos livros de Abelha aberto sobre as coxas.

“Estava a perguntar a mim mesmo se terias mudado de ideias e ido a Partilhas com os outros.”

“Ver a paisagem?”, perguntou ele e indicou os olhos arruinados com um gesto.

Sentei-me a seu lado, baixando a cabeça para evitar bater com ela no beliche de cima. “Esperava que estivesse a recuperar um pouco da visão. Estavas a olhar para um livro.”

“Eu estou a tocar um livro, Fitz.” Ele suspirou e estendeu-mo. Senti um sobressalto de consternação. Era o diário dela, não o seu livro de sonhos. Aberto numa página que eu não partilhara com ele. Ele saberia? Fechei suavemente o livro, encontrei a camisa que usava sempre e voltei a

enrolá-lo com cuidado. Voltei a enfiá-lo na mochila desgastada. Temi que ele pudesse descobrir acidentalmente a Prata. Mas disse apenas: “Temos de ter muito cuidado com a minha mochila. O tijolo de fogo de Reyn está aqui. Tem de ser sempre guardado virado para cima.”

Ao enfiar a mochila com cuidado debaixo do beliche, disse-lhe: “Fidekennit subiu a bordo. Vamos partir na mudança da maré.”

“Lante, Per e Centelha já voltaram?”

“Não se vão atrasar. O Lante tinha algumas mensagens a enviar por aves. O Per queria ajudar a enviar notícias à mãe. E Centelha queria enviar uma mensagem a Breu.”

“Então hoje reatamos finalmente a viagem.” A sua expiração saiu irregular. “Mas ainda há tanto caminho a percorrer, e cada momento que passa é um momento em que ela fica tempo a mais na posse deles. Qualquer momento pode ser aquele em que ela morre.”

O pânico cresceu em mim. Reprimi-o e neguei-o. Endureci o coração e extingui a esperança. Tentei partilhar a minha defesa. “Bobo, apesar do que julgas, apesar do que sonhaste... Se eu imaginar que isto é um salvamento, e não um assassinio, vou perder a concentração. E isso é tudo o que me resta.”

O alarme dominou-lhe a cara. “Mas ela está viva, Fitz. Os meus sonhos dão-me essa certeza. Gostava de poder partilhá-los contigo!”

“Então tiveste mais que um sonho sobre Abelha ainda estar viva?”, perguntei com relutância. Conseguiria aguentar ouvir mais das suas provas esperançosas?

“Tive”, respondeu e depois, inclinando a cabeça: “Embora talvez só eu consiga interpretá-los assim. Não são tanto as imagens dos sonhos que me dão a certeza de que se relacionam com Abelha, mas a sensação que eles transmitem.” Fez uma pausa e ficou pensativo. “Será possível que eu consiga partilhar os meus sonhos contigo? Se me tocares sem nenhuma intenção de cura mas só de partilha, talvez?”

“Não.” Tentei suavizar a recusa. “Quando nos ligamos, Bobo, o que acontece não tem nada a ver com as minhas intenções. Começa a acontecer algo que parece inevitável. É como a corrente de um rio a levar-nos consigo.”

“Como o rio de Talento de que falas, como uma corrente de magia?”

“Não. É diferente.”

“Então o que é?”

Suspirei. “Como conseguirei eu explicar uma coisa que eu próprio não compreendo?”

“Hmpf. Quando eu digo coisas dessas, tu zangas-te comigo.”

Trouxe-nos de volta ao tema. “Disseste que tiveste mais sonhos sobre Abelha.”

“Tive.”

Uma resposta curta e um segredo não verbalizado. Pressionei-o. “Que espécie de sonhos, Bobo? Onde é que a sonhas, o que está ela a fazer?”

“Tu sabes que os meus sonhos não são como janelas para a vida dela. São sugestões e portentos. Como o sonho sobre as velas.” Inclinou a cabeça. “Lembras-te do que Abelha escreveu sobre ele. Vou contar-te uma coisa. Esse é um sonho antigo, sonhado com frequência e por muitas pessoas. Podia significar tantas coisas. Mas eu acho que se cumpre em nós. Abelha sonha-o com uma clareza que eu nunca tinha visto, falando de nós como o Lobo e o Palhaço.”

“Como podem muitas pessoas sonhar o mesmo sonho?” Afastei as suas palavras confusas. Sem pretender fazê-lo, a minha voz baixara até ao nível do rosnido de aviso de um lobo. Os seus olhos cegos esbugalharam-se ligeiramente.

“Simplesmente sonhamos. É um dos sinais que os Servos usam para avaliar a probabilidade de alguma coisa acontecer. Esse é um sonho comum entre aqueles que pertencem a linhagens de Brancos. Cada um é ligeiramente diferente dos outros, mas são reconhecíveis como o mesmo sonho. Eu sonhei-o como uma bifurcação num caminho. Há quatro velas dispostas ao longo do caminho numa direção. No fim desse caminho há uma casinha de pedra com uma porta baixa e sem janelas. O sítio onde são postos os mortos. O outro caminho está iluminado por três velas. No fim desse caminho arde um fogo e pessoas estão a gritar.” Fez uma pequena inspiração. “Eu estou em pé, a fitar aquilo. E então, vinda da escuridão, aparece uma abelha e zumbe aos círculos em volta da minha cabeça.”

“E isso leva-te a pensar que o sonho é sobre a minha Abelha?”

Ele confirmou lentamente com a cabeça. “Mas não só porque há uma abelha no sonho. Foi a sensação do sonho. E não foi o único que eu tive.”

“O que significam os sonhos?” Fiz a pergunta apesar de suspeitar que os seus sonhos recentes não tinham mais significado do que os que eu sonhava. Quando o trouxera de volta dos mortos, ele dissera-me que

estava cego para o novo futuro que havíamos criado. Estaria a sua mente agora a enganá-lo, enviando-lhe sonhos sobre aquilo que esperava desesperadamente que fosse verdadeiro?

“Eu podia dizer: *Tu não queres saber*, mas estaria a mentir. A verdade é que não te quero dizer. Mas sei que tem de ser!”, acrescentou apressadamente antes de eu ter tempo para falar. Pigarreou e baixou o olhar para as mãos. Esfregou-as como se estivesse a lembrar-se da dor. Tinha agora algumas unhas na mão nua, e as outras pareciam estar a crescer. Afastei o olhar do que restava daquilo por que ele passara. O corpo podia sarar, mas os ferimentos que a tortura empenhada deixa na mente derramam sempre pus tóxico. Estendi a mão e peguei-lhe na mão enluvada.

“Diz-me.”

“Ela não é bem tratada.”

Eu já o esperava. Se ainda estivesse viva, era improvável que os seus captores fossem gentis com ela. Mas ouvir aquilo a ser dito em voz alta era como o punho na barriga que faz perder o fôlego por completo.

“Como?”, consegui dizer. Sonhos, fiz lembrar a mim próprio. Provavelmente não eram reais.

“Não sei.” A voz dele era um suspiro rouco. “Sonhei com uma cria de lobo a lambe os ferimentos e a enrolar-se bem para se proteger do frio. Sonhei com uma árvore branca e esguia despida de flores e com os ramos tenros todos tortos.”

Não consegui respirar. Ele soltou um pequeno som de dor, e apercebi-me de que estava a esmagar-lhe os dedos. Diminuí a força com que o agarrava e encontrei o ar.

“Mas também sonhei com uma mão a segurar um archote apagado. Foi um sonho confuso. O archote caiu ao chão e um pé esmagou-o. Ouvi uma voz. ‘Mais vale andar às apalpadelas na escuridão do que seguir uma falsa luz.’ Fez uma pausa e acrescentou: ‘A parte confusa era já estar escuro. Um imenso clarão apareceu quando o archote foi esmagado.’”

“Como é que sabes que o sonho era sobre Abelha?”

Ele pareceu atrapalhado. “Não tenho a certeza, mas pode ser. E senti-o... animador. Como uma coisa que pode ser boa. Quis partilhá-lo contigo.”

Soou um toque apressado e, um instante mais tarde, Centelha abriu a porta de rompante. “Oh!”, exclamou ela ao ver as nossas mãos dadas. Soltei o Bobo. Ela recuperou para anunciar: “O Capitão Trell quer no

convés todas as pessoas com corpo para trabalhar. Está na altura de içar âncora e partir. O Clef mandou-me à vossa procura. Deitou a unha ao Per e ao Lante assim que voltámos para bordo.”

Fiquei aliviado por abandonar a nossa discussão sobre sonhos sombrios, mas as palavras do Bobo perseguiram-me durante todo esse dia. Senti-me grato pelos momentos em que a distração de aprender a operar com os cabos e sobre o modo como o navio se movia bloquearam a ansiedade que sentia pela minha filha. Fosse qual fosse o modo como movia os pensamentos, sentia-me ferido. Abelha estava morta, desfiada na corrente de Talento. Abelha estava viva e a viver num tormento.

Trabalhei o máximo que pude, forçando o corpo, procurando a exaustão, e depois ocupei uma cama suspensa na coberta, onde as conversas, pragas e gargalhadas da tripulação mantiveram os sonhos afastados.

Estávamos a um dia de Partilhas quando um Per cabisbaixo veio ter comigo. “Vistes a *Matizada*?”

Eu não reparara na ausência do corvo até ele falar dele. “Não vi”, admiti. A contragosto, acrescentei: “Os corvos são aves de terra, Per. Havia fartura de alimento para ela em Partilhas. Isso não acontece em mar aberto. Eu sei que partilhaste as rações com ela quando estávamos quase sem provisões. Mas agora ela talvez prefira cuidar de si.”

“Tinha acabado de voltar a pintar-lhe as penas. O que lhe vai acontecer quando o preto se gastar?”

“Não sei”, admiti com relutância. A ave era no seu âmago uma coisa selvagem e sempre o seria. Deixara claro que não desejava um vínculo de Manha. Tentei abrir mão dela.

Apesar disso, o alívio inundou-me no segundo dia quando ouvimos um crocitar distante. Nesse dia, Per e eu estávamos no cordame, encostados ao mastro e com os pés assentes nos cabos de apoio. A princípio ela foi uma minúscula silhueta à distância. Mas enquanto observávamos, as asas que batiam regularmente trouxeram-na cada vez para mais perto. Crocitou uma saudação e depois pousou solidamente no braço de Per. “Cansada”, disse. “Tão cansada.” Subiu-lhe o ombro e foi-se anichar sob o queixo do rapaz.

“Juro que às vezes tenho a certeza de que ela conhece todas as palavras que nós dizemos”, observei.

“Todas as palavras”, repetiu o corvo e olhou-me com um olho brilhante.

Fitei a ave. A ponta do bico estava prateada. “Per”, disse, num aviso, tentando manter a voz calma. “Conserva-a longe da tua cara. Ela tem Prata no bico.”

Vi o rapaz imobilizar-se. Depois, disse numa voz trémula: “Eu não consigo sentir nenhuma magia. Se calhar também sou imune à Prata.”

“E se calhar não és. Afasta-a da tua garganta, por favor.”

Ele ergueu o pulso e a ave transferiu-se para a mão dele. “O que fizeste tu?”, perguntei-lhe. “Como foi que ficaste com Prata no bico, coisa linda? Estás bem? Sentes-te doente?”

Em resposta, ela virou-se e alisou as penas de voo. Estas não ficaram prateadas mas brilharam mais negras do que eu alguma vez as vira. “*Heeby*”, crocitou o corvo. “*Heeby* partilha. *Heeby* ensina.”

Ah. O tónico de Rapskal em Partilhas. Devia ter compreendido. E estaria o tempo que a ave passara com os dragões a melhorar a sua fala? “Tem cuidado com o bico”, disse em tom de censura.

Ela virou para mim os olhos brilhantes. “Eu *tenho* cuidado, estúpido Fitz. Mas tão cansada. Leva-me ao *Modelo Ideal*.”

Voltou a trepar a manga de Per até ao ombro e deitou-me um olhar ameaçador antes de fechar os olhos.

Ouvi Trel a rugir-nos para nos pormos a mexer em vez de ficarmos empoleirados como gaiotas. Per olhou para mim, ignorando o capitão. “Levo-a ao *Modelo Ideal*?”

“Duvido que consigas mantê-la afastada. E por mais cuidado que ela tenha, quero que tu tenhas ainda mais. Avisa todos os outros em quem ela se possa ir empoleirar.”

Brashen voltou a rugir e Per deu início à sua descida apressada, gritando que *Matizada* regressara. Enquanto Per corria e deslizava pelos cabos com a ave ao ombro, Centelha atravessou o convés numa correria. Eu comecei a descer com mais cuidado.

“Sois mesmo um príncipe?”, perguntou Fidekennit quando fiz uma pausa a seu lado.

Hesitei por um momento. Bastardo ou príncipe? Respeitador fizera de mim um príncipe. “Sou”, disse em voz baixa. “Mas, como sou ilegítimo, não estou na linha de sucessão.”

Ele pôs isso de parte com um encolher de ombros. “Aquele rapaz, aquele Per. Ele era vosso moço de estrebaria?”

“Sim.”

“Trabalhais ao lado dele e ele nunca se submete a vós.”

“Submete-se, mas suponho que não de forma que se note. Respeita-me, mesmo que os outros não o vejam.”

“Hum.”

O som era pensativo, não desdenhoso. Mesmo o pouco tempo passado a bordo como marinheiro comum já o tinha mudado. Era inteligente o suficiente para saber que se estava alojado com marujos comuns como Ant e Per era melhor que abandonasse os seus modos altivos. Livrara-se da roupa fina e adotara as mesmas calças largas de tela e camisas de algodão que o resto de nós usava. Entrançara o cabelo e prendera-o depois de Ant o avisar que madeixas soltas de cabelo se podiam prender num cabo em movimento e ser arrancadas do couro cabeludo. E também ligara as palmas das mãos com couro; suspeitei que elas teriam bolhas sangrentas. Manusear cabos de cânhamo não é coisa suave.

Não me disse mais nada, portanto apressei-me a descer para aguardar a ordem seguinte.

Tinham-se passado décadas desde que eu trabalhara no convés de um navio, e nunca num navio como *Modelo Ideal*. A natureza viva do navio significava que ele podia participar ativamente na viagem. Não podia desfraldar as velas nem recolhê-las, mas podia gritar um rumo melhor ao timoneiro, sentir onde as correntes eram mais rápidas e avisar-nos sobre um cabo que precisasse de ser apertado. Tinha um fino sentido de profundidades e canais — algo que demonstrara orgulhosamente ao guiar a sua tripulação para fora do porto em Partilhas, e voltou a fazê-lo quando navegámos cuidadosamente pelos canais das Ilhas dos Piratas até sairmos para mar aberto. Agora que deslizava pelas ondas mais elevadas, a nossa tripulação diminuída esforçava-se por acompanhar as suas necessidades.

Eu não era o único a maravilhar-me com o comportamento de um navio vivo. Os membros da tripulação que tínhamos embarcado em Partilhas estavam abertamente deliciados com o modo como o *Modelo Ideal* participava na navegação. Não demorou muito até a navegadora ir pedir humildemente autorização para mostrar as cartas à figura de proa, e corrigi-las de acordo com os conhecimentos do navio. Depois de

cedermos aos seus desejos, *Modelo Ideal* tornara-se quase afável, especialmente com Moss-O e Fidekennit.

Mesmo assim, a minha transição de passageiro a ajudante de bordo não foi fácil. Eu sempre nutrira um orgulho secreto de quão capaz permanecera até à minha sétima década. Devia muita da minha força física à velha cura de Talento que ainda me percorria o corpo e fazia nele incessantes reparações. Mas saudável não quer necessariamente dizer endurecido. Aqueles primeiros dias foram para mim longos. Os calos ganhos ao manusear uma espada ou um machado são diferentes das palmas ásperas que os cabos de cânhamo grosso oferecem a um marinheiro. Nos dias rigorosos que se seguiram tive dores nas pernas, nas costas e nos braços. Os músculos nos membros e uma barriga lisa regressaram lentamente. O meu corpo curava-se, mas a cura pode ser tão dolorosa como estar ferido.

Apesar dos homens que tínhamos obtido em Partilhas, a nossa tripulação ainda era mais pequena e eram em menor número os que estavam habituados a navegar num navio vivo. O fim do meu turno não era garantia de descanso ininterrupto. Um grito de “Todos ao convés!” podia chegar a qualquer momento. Como Brashen previra, não havia nenhuma corrente amiga que nos ajudasse na viagem para sueste. A terra transformou-se numa mancha de nuvens baixas no horizonte atrás de nós. Quando despertei no dia seguinte, elas haviam desaparecido.

Tanto Centelha como Per estavam a dar-se bem. Corriam pelo cordame com Ant, felizes. Clef era um bom professor e agora tinham também Moss-O, um ajudante de bordo experiente. Lante trabalhava a meu lado, tentando ensinar ao seu corpo de homem as habilidades que aquele teria ficado mais feliz por adquirir em rapaz. Sentia pena dele, mas não se queixava. Todos comíamos o máximo que nos era permitido e dormíamos sempre que podíamos.

Havia nos dias um ritmo animado. Se eu fosse mais novo e não tivesse mais nenhum objetivo na vida além de ganhar o pão, teria sido satisfatório. A animosidade da tripulação do navio vivo devido ao modo como tínhamos destruído a vida que sempre haviam conhecido foi feita em pó pela necessidade quotidiana de trabalhar ao nosso lado. Eu evitava qualquer tema que os pudesse fazer lembrar de que no fim da viagem *Modelo Ideal* pretendia transformar-se em dragões.

Maravilhei-me com a paciência de Brashen com Fidekennit. O capitão emparelhou-me com ele por mais de uma vez. Chamava-me sempre

Príncipe FitzCavalaria, e eu finalmente compreendi que ele estava a fazer o rapaz perceber que nem um príncipe real hesitava em aplicar-se à mais humilde das tarefas. Mas creio que em última análise Fidekennit procurava aprender as técnicas de um marinheiro não devido às ordens de Trel, mas por causa do seu próprio desejo de ser tão bom ou melhor nos seus deveres do que qualquer ajudante de bordo. Era doloroso de observar. Ele corria para uma tarefa contra um marinheiro mais experiente e exclamava sonoramente: “Eu consigo!” Por vezes desprezava ofertas de auxílio e correções aos seus métodos. Não era estúpido, mas era demasiado orgulhoso e andava desesperado por ter razão. Ainda mais doloroso era ver Moss-O encurralado entre os pais e o homem de quem desejava ser amigo. Fidekennit tratava Moss-O como se ele fosse um cachorrinho afável, mostrando por vezes escárnio pelas habilidades marítimas do homem mais novo. Por vezes vi Moss-O voltar sub-repticiamente a enrolar um cabo depois de Fidekennit o fazer ou voltar a amarrá-lo. Não disse nada, mas tinha a certeza que se eu estava ciente disso, o pai dele decerto também o estaria. E se Brashen estava a deixar passar, não me cabia a mim dizer fosse o que fosse. Mesmo assim, causava-me um fascínio sombrio ver Fidekennit oscilar entre ser um homem ansioso por aprender aquelas técnicas e um príncipe incapaz de admitir que não sabia alguma coisa. Esperei que não houvesse desastres.

Clef, o imediato, ajudara a criar Moss-O desde a infância e era natural que os dois fossem chegados, pelo que fiquei surpreendido quando ele travou amizade com Fidekennit. Clef era um jovem tripulante do *Modelo Ideal* nos tempos em que Kennit violara Alteia e tentara pôr *Modelo Ideal* a pique, mas parecia avaliar Fidekennit pelas suas próprias características. E quando vi Clef a corrigir Fidekennit, o príncipe pareceu mais capaz de aceitar críticas do que quando era Brashen a intervir. Também temi que Per pudesse ficar com ciúmes por perder a atenção de Clef, mas o rapaz ligou-se ao grupo e depressa começaram a sentar-se juntos às refeições. Quando Per se juntou aos três uma noite aos dados, compreendi que ele fora aceite naquele círculo e deixei-o em paz. Os rapazes procuram aquilo de que necessitam.

No decurso de algumas noites, vi Fidekennit a passar de ignorar Per, à troça e às provocações que antecedem a verdadeira amizade. Vi Fidekennit e Per conspirarem para aldrabar Moss-O às cartas até este ter perdido todos os feijões secos que estavam a usar em vez de moedas. A

indignação fingida de Moss-O quando descobriu o estratagema completou a iniciação de Per nesse grupo. Clef começou a emparelhar Fidekennit com Per para alguns dos seus deveres. Por mais de uma vez, vi Per mostrar ao príncipe a maneira certa de executar uma tarefa. Os dois tornaram-se amigos e eu julguei que isso era bom para ambos.

Mas não aconteceu sem passos em falso. Eu mantive-me à parte quando Moss-O e Fidekennit trataram de deixar Per bêbado a sério. Todos os jovens têm de passar por essa provação e eu pensei que, embora ele sofresse no dia seguinte, isso não lhe causaria nenhum verdadeiro mal. Moss-O, em especial, tinha um gosto pela travessura que não chegava a ser crueldade mesquinha. Aquilo com que eu não contara era Per, na bebedeira, os convidar para vir à nossa cabina e ver os maravilhosos presentes dos Antigos que as gentes dos Ermos Chuvosos nos tinham dado. Quando entrei por acaso, todos os três estavam bem emborrachados e o meu rapaz tinha na mão um dos potes de fogo de Breu, tentando explicar o que julgava que eram. O tijolo dos Antigos estava virado para baixo em cima do meu beliche e a manta começara a queimar. Isso não me consternou tanto como ver os livros de Abelha nas imediações da manta chamuscada.

Expulsei os três da cabina com umas quantas pragas coloridas e um sólido pontapé no traseiro de Per. Ele pediu profusas desculpas no dia seguinte, entre ataques de vômito debruçado da amurada do navio, e tanto Moss-O como Fidekennit mostraram mais tarde contrição, de uma forma mais contida. Aquilo cimentou entre os três um vínculo de amizade e eu senti que Per estava agora tão seguro a bordo do *Modelo Ideal* como alguém podia estar.

Uma noite, Centelha veio acordar-me de um sono muito necessário para me chamar à cabina de Âmbar. Fui, de olhos congestionados. O duro trabalho físico de ser marinheiro todos os dias cobrava-me um preço. “É importante!”, silvou-me ela antes de abrir caminho como uma gata por entre as camas suspensas dos outros marinheiros.

Ao chegar à cabina, vi que Per já lá estava, parecendo tão confuso como eu me sentia. Fiquei aliviado por ver que me ia encontrar com o Bobo e não com Âmbar. “Temos de discutir os nossos planos para salvar Abelha”, anunciou ele.

“Tendes a certeza de que ela está viva?”, perguntou Per. A sua fome de confirmação fez com que eu me encolhesse.

“Tenho”, asseverou o Bobo em voz baixa. “Eu sei que vos é difícil acreditar, depois de partirmos só com a vingança em mente. Mas tenho a certeza de que ela vive. E isso muda-nos todos os planos.”

Per deitou-me um olhar duvidoso de viés, que me deixou contente por o Bobo não o poder ver. Mantive as feições sérias e imóveis. “Todos estudaram o mapa que o Bobo fez? É essencial que tenham pelo menos esse conhecimento sobre a disposição do Castelo de Clerres.”

Eles acenaram com as cabeças e Centelha confirmou em voz alta. “Estudámos.”

“Eu disse-vos que a única forma de entrar no castelo é durante a maré baixa, quando nos juntaremos a uma multidão de pessoas que pagaram caro pelo privilégio de atravessar. Eu estarei bem disfarçado para que ninguém me reconheça. Vamos arranjar papéis para vós.”

Sustive a respiração antes de suspirar. Ainda sentia que uma incursão solitária para introduzir algum veneno ou cortar umas quantas gargantas era o que eu faria melhor.

“Depois de estarmos lá dentro, temos de nos afastar do fluxo principal de peticionários e de nos esconder. Para isso podemos ter de nos separar. Não esqueçam que Abelha não me conhece nem a Centelha. Portanto, depois de cair a noite, quando nos reunirmos no pátio de lavagens deserto, temos de formar dois grupos. O Fitz e o Per serão um. Eu, Lante e Centelha o outro. Assim, cada grupo tem um guerreiro competente. E alguém capaz de abrir uma porta trancada.” Sorriu na direção genérica de Centelha.

Cada vez pior. Não disse nada. Lante estava a olhar para as mãos. Per ouvia com atenção. Centelha parecia já conhecer o plano, pois não mostrava surpresa.

“Há no máximo quatro lugares onde Abelha pode estar. No terraço da fortaleza, os velhos alojamentos do harém foram convertidos em celas para prisioneiros valiosos que devem ser punidos mas não magoados de forma permanente. Pode estar lá, ou nas casotas onde os Brancos são guardados.” Eu sabia quais seriam as suas palavras seguintes e temi ouvi-las. “Mas também há dois pisos debaixo do castelo. No primeiro existem celas com chãos de pedra e barras de ferro. Pouca luz e condições duras. Temo que ela possa estar lá.” Respirou fundo. “No piso inferior ficam as piores celas e o lugar onde o tormento é deliberado e prolongado. Aí, os dejetos do castelo escorrem para uma bacia aberta e depois saem

para o mar. Não há luz e o ar fede a excrementos e a morte. Esse é o pior lugar onde ela poderá estar. Por conseguinte será o primeiro lugar onde tenho de a procurar. O meu grupo começará pelo piso inferior. O Fitz e o Per irão às celas do terraço. Se a encontrarem lá, vão para o pátio das lavagens. Se não, verifiquem as casotas.”

Per abriu a boca para falar. Um movimento da minha mão silenciou-o.

“Quer a encontrem nas casotas, quer não, vão para o pátio das lavagens.” Respirou fundo. “Depois de termos passado busca às celas, também procuraremos a entrada do túnel que os meus salvadores usaram para me fazer sair de lá. Se tivermos sucesso e conseguirmos encontrar Abelha, dois de nós tirarão imediatamente Abelha por aí. Um de nós irá ao vosso encontro no pátio das lavagens para vos informar do sítio para onde fomos e vos guiar até ao túnel.”

“E se não encontrarmos a entrada do túnel?”, perguntou Lante.

“Levaremos roupa adicional para Abelha, ou talvez o manto de borboletas. Voltaremos a esconder-nos e no dia seguinte sairemos para nos misturarmos com os peticionários e sairemos com eles quando formarem a multidão de saída.” As mãos dele, uma enluvada e a outra nua, apertavam-se uma à outra. Ele sabia quão mau o plano era. Não precisava de lho dizer. Era o plano desesperado de um homem que ansiava por que uma coisa fosse verdade.

“E se não a encontrarmos?”, perguntou Per numa voz vacilante.

“Voltamos a esconder-nos e saímos com a maré de peticionários no dia seguinte. Isso pode acontecer, pois os meus sonhos não me dizem se ela já chegou a Clerres ou se está simplesmente a viajar para lá. Podemos ter de esperar.”

“E os dragões?”, perguntou Lante. “Tanto *Tintaglia* como *Heeby* pareceram decididos a vingar-se. E se chegarem a Clerres antes de nós?”

As mãos crispadas do Bobo subiram até ao colarinho e aí ficaram. Lambeu os lábios. “Tenho de confiar que os sonhos me mostrariam um acontecimento tão desastroso. Por enquanto não mostraram. Portanto, tenho esperança.” Abanou rapidamente a cabeça como que para afastar da mente a pergunta de Lante. “Toda a gente compreende o papel que deverá desempenhar? Estamos de acordo?”

Eu não anuí com a cabeça mas ninguém pareceu reparar nisso. Centelha falou pelos outros. “Todos concordamos. E agora talvez possais dormir.”

Ele esfregou a cara com ambas as mãos e eu vi o que me tinha escapado até aí. Estava a ferver de ansiedade. Precisei de todas as migalhas do treino de Breu para insuflar calor e certeza na voz.

“Vai dormir, velho amigo. Eu e Per temos de voltar para a cama, que o nosso turno começa em breve. Devíamos todos descansar enquanto pudermos.”

“Enquanto pudermos”, concordou ele, e Centelha dirigiu-me um aceno enquanto saíamos da pequena cabina. Lante acompanhou-nos quando eu e Per regressámos para as nossas camas suspensas.

Depois de estarmos bem afastados da porta do Bobo, Lante pegou-me na manga para me deter. “Acreditais que Abelha ainda está viva?”, perguntou em voz baixa. Per aproximou-se mais para ouvir a minha resposta.

Escolhi as palavras com cuidado. “O Bobo acredita. Faz um plano que põe em primeiro lugar a tentativa de a encontrar. Estou feliz por segui-lo.” Isto era mentira. Acrescentei: “Não interfere com os meus planos de roubar as vidas àqueles que ma tiraram.”

E assim nos separámos. Regressei à minha cama, mas não consegui reencontrar o sono.

Um dia longo atrás do outro, o horizonte não mudou. Água era tudo o que eu conseguia ver quando ia dormir ao fim do meu turno, e quando despertava para cumprir os meus deveres. O tempo manteve-se bom e foi ficando mais quente. Todos bronzeámos ao sol, exceto a Dama Âmbar, que manteve um tom dourado muito claro, mais escuro do que o Bobo fora mas muito mais claro do que Dom Dourado. Uma vez, o Bobo dissera-me que se julgava que à medida que os Profetas Brancos iam tendo sucesso nas suas tarefas, iam perdendo pele e tornando-se mais escuros. Ele ficara mais claro e eu perguntei a mim mesmo se isso queria dizer que os Servos tinham frustrado os seus objetivos. A Dama Âmbar executava as tarefas que lhe eram possíveis, desde lavar os nabos e as batatas a fazer a união de cabos. Para essa tarefa descalçava os dedos prateados, e a corda parecia obedecer e fundir-se onde ela o ordenava. Aquilo fazia-me lembrar desconfortavelmente Veracidade a alisar a pedra do seu dragão e evitei observá-la quando desempenhava essa tarefa.

Âmbar passava mais tempo com *Modelo Ideal* do que qualquer um dos nossos capitães teria preferido. *Modelo Ideal* acolhia-a bem e era

frequente Fidekennit e Moss-O se lhes irem juntar quando ela tocava música para ele. *Matizada* também passava bastante tempo com o *Modelo Ideal*. Entre os meus deveres e o tempo que Âmbar passava com o navio, eu pouco via o Bobo e tinha poucas oportunidades para me preocupar com o modo como ela se distanciara.

O nosso avanço era lento. As correntes do oceano não nos favoreciam. O tempo era suave mas os ventos mostravam-se inconstantes. Em alguns dias o vento dormia e o pano ficava praticamente caído. Por vezes, ao olhar para a água interminável, perguntava a mim mesmo se estaríamos sequer em movimento. Quanto mais avançávamos para sul, mais quentes se tornavam os dias. O verão chegara e a luz demorava-se muito ao fim da tarde.

Num desses dias, recolhi cedo ao beliche e fechei os olhos. Estava cansado e aborrecido, mas o sono fugiu-me. Tentei fazer o que o meu lobo me ensinara: concentrar-me no agora e recusar as preocupações com o futuro ou as lembranças do passado. Isso nunca me fora fácil e essa tarde não foi exceção. Enquanto estava imóvel, com a esperança de que o sono me encontrasse, chegou-me um sussurro de Talento. *Papi?*

Sentei-me na cama, sobressaltado, e perdi o contacto. Não, não, deita-te, fica muito imóvel, respira lenta e profundamente e espera. Era como observar um trilho de caça de cima de uma árvore. Espera.

Papi, consegues detetar-me? É a Urtiga. Recebi a tua ave e tenho notícias para ti. Papi?

Inspirei várias vezes, profunda e lentamente, e tentei ficar equilibrado no fio da navalha entre o sono e a vigília. Aventurei-me a penetrar na corrente de Talento. Parecia mais fraca, quase fugidia. *Urtiga, estou aqui. Está tudo bem contigo? E o teu bebé?* Um arrepio percorreu-me. O bebé de Urtiga, meu neto. Banido da minha mente ao longo de todas aquelas semanas.

Ainda não. Mas em breve. A resposta dela era um sussurro no vento, mas com ela veio um ténido fiapo do prazer que sentiu por o meu primeiro pensamento ter sido para ela e o seu filho. Ténues como a lanugem do cardo, as suas palavras flutuaram até mim. *A mensagem que enviaste por ave chegou mas eu não a compreendi por inteiro. Enviámos até lá a Dama Rosamaria como emissária. Porque quiseste que curandeiros de Talento fossem a Kelsingra?*

Creio que isso beneficiaria toda a gente. Abri-lhe a mente e partilhei

com ela a piedade que sentia pelas pessoas tocadas pelos dragões que lá viviam. Acrescentei o meu sentido prático: podia ser formada uma aliança inabalável com aquelas pessoas e talvez conseguíssemos obter uma maior compreensão do Talento se tivéssemos acesso a Kelsingra e a tudo o que o Talento operara lá. Temperei a ideia com um aviso sobre a prata-de-dragão e a minha convicção de que era o mesmo material de que Veracidade ensopara as mãos para poder terminar o seu dragão de pedra. *É um material incrivelmente poderoso e perigoso. Não deixes que Breu ouça falar dele, senão vai ansiar por fazer experiências! Como está Breu? Tenho saudades dele e Lante também.*

Chiu! Não penses no nome dele!

O aviso chegou demasiado tarde. Senti uma ondulação de qualquer coisa, como uma brisa que agita a tela antes que o vento atinja por completo a vela. Depois, Breu introduziu-se-me na mente, apagando-me. Estava louco, triunfantemente louco, e num êxtase de Talento. *FITZ!* Trovejou a minha identidade para o interior da corrente de Talento. Senti que o Talento rodopiava e me encharcava, como se Breu tivesse agitado violentamente um tacho de água. *AÍ ESTÁS TU, MEU RAPAZ! TIVE TANTAS SAUDADES TUAS! VEM COMIGO, TENHO TANTO PARA TE MOSTRAR!*

Respeitador! Todos os Círculos, a mim, a mim! Contende Dom Breu. Contende-o!

Fui rasgado para fora de mim. Arrancado ao meu corpo, a mente espalhada numa película tão fina como vinho numa mesa. Era uma confusão de flocos de neve espalhados pelo vento, a névoa em dispersão de um bafo numa noite gelada. Ouvi gritos e berros distantes e detetei uma luta, algures. Depois, com a clareza de um pingo de água gelada na nuca, senti o toque inseguro de outra mente.

Papi? És um sonho? Papi?

Nunca antes tocara a mente de Abelha na corrente de Talento. Não ouvi a sua voz; não vi a sua cara. Mas o toque dos seus pensamentos era tão unicamente Abelha que não podia ter qualquer dúvida de que era ela.

Era débil e fina, uma voz de criança a gritar a um vento forte sobre a água. Procurei alcançá-la. *Abelha! És tu, estás viva?*

Papi? Onde estás? Porque é que não me vieste buscar? Papi?

Abelha, onde estás? A minha primeira pergunta desesperada.

Num navio. A caminho de Clerres. Papi? Eles são cruéis para mim. Por favor, ajuda-me. Porque é que não me vens buscar?

Então, como um grande vento arrasador, Breu introduziu-se à força nos meus pensamentos, dispersando-me. *Abelha? Então ela tem Talento? A minha filha, a minha Expressiva, tem-no. Ela é forte no Talento, mas eles mantêm-na afastada de mim!*

Papi? PAPI?

Breu era um vento furioso, a apanhar e dispersar entidades de Talento menores à sua tumultuosa passagem. Temi que Abelha fosse atirada e quebrada, feita em estilhaços ao primeiro encontro. Empurrei-a para longe.

Abelha, foge! Acorda, afasta-te, solta-te. Vai-te embora! Não toques com a mente na minha.

Papi? Ela agarrou-se-me, desesperada e com medo.

Não havia tempo para a sossegar. Empurrei-a, com força, como se estivesse a empurrá-la para fora do caminho de um cavalo espantado. Senti o seu medo e a sua dor, mas soltei-me do pensamento com que ela tentava agarrar-me e enfrentei Breu para o impedir de a queimar. *Breu, para! És demasiado forte! Vais crestar-nos a todos até não sermos nada, como Veracidade queimou o pobre Augusto! Toma controlo do teu Talento, Breu, por favor!*

Também tu, Fitz? Também queres suprimir-me? Traidor! Não tens coração. Esta é a minha magia, o meu direito de nascença, a minha glória!

Então despejem-no pela goela dele abaixo, se tiver de ser! Depressa! Três dos aprendizes estão com convulsões!

Isto foi Urtiga, a grande distância, a gritar e a usar simultaneamente o Talento com toda a força de que dispunha. Senti a ira e a mágoa de Breu por estarmos a conspirar contra ele. Todos nos tínhamos virado contra ele, tinha a certeza disso, porque tínhamos inveja da sua magia e queríamos todos os seus segredos. Nenhum de nós o amara realmente, nem um, exceto Expressiva.

Tão repentinamente como uma cortina a cair no fim de um espetáculo de fantoches, tudo desapareceu. Não havia nenhum rugido de Talento vindo de Breu, nenhum sussurro vindo de Urtiga e, pior de tudo, quando tateei em busca do Talento hesitante de Abelha, não encontrei nada. Absolutamente nada.

Descobri que estava no chão ao lado do beliche. Lágrimas escorriam-me sem controlo pela cara abaixo.

Ela estava lá, a minha Abelha, atirada e dilacerada numa tempestade de Talento, capturada e maltratada. O Bobo sempre tivera razão. Eu não podia desistir. Voltei a mergulhar na corrente de Talento, peneirando-a à sua procura, uma e outra vez, até sentir que as forças me começavam a falhar. Quando regressei ao que me rodeava, estava enrolado numa bola. O corpo doía-me e a cabeça latejava. Velho, sentia-me velho de cem anos. Falhara e abandonara não só a minha filha, mas também o meu antigo mentor.

Dediquei-lhe um pensamento. Breu, pobre velho Breu, perdido na magia pela qual tanto ansiara. Agora ela dominava-o e ele cavalgava-a como quem cavalga um garanhão espantado. Esta noite tínhamo-lo magoado e eu sabia que não era a primeira vez que ele se sentira abandonado e perseguido. Desejei poder estar lá para me sentar junto da sua cama, pegar-lhe na mão e assegurar-lhe que sim, ele era amado e sempre o fora. A sua fome de amor queimara-me quase tanto como o seu uso descontrolado do Talento.

Mas com igual violência à da minha vontade de estar com Breu, a minha ansiedade por Abelha consumia-me. Num navio, dissera ela, a caminho de Clerres. Viva. Absolutamente viva! Numa situação terrível. Mas viva. E perguntando a si mesma por que motivo eu não fora salvá-la. Os seus captores eram cruéis com ela. Mas ela vivia. O espanto com isso ecoou por dentro de mim como o repicar de sinos. A vaga de júbilo por ter a certeza que ela sobrevivera colidiu com os meus terríveis receios por ela. Como teria conseguido aguentar, todos aqueles meses, sozinha com os seus captores? Tê-la empurrado para longe quando ela tentou alcançar-me queimou-me.

Mas viva! Indubitavelmente viva! Essa informação era como ar nos meus pulmões, água após uma seca. Forcei-me a erguer-me. Ela estava viva! Tinha de partilhar a novidade com o Bobo. O nosso objetivo primordial era agora o seu salvamento!

E depois a vingança sangrenta contra aqueles que a tinham mantido afastada de mim.

“Eu já te tinha dito que ela estava viva.”

Eu ainda estava a tremer, ainda respirava com força da correria pelo navio à procura do Bobo. Ouvir a Dama Âmbar tão indiferente à minha notícia era enlouquecedor. “Isto é diferente!”, asseverei. “Tu tiveste um

sonho que podia indicar ou não que Abelha estava viva. Eu senti o seu Talento. Ela falou comigo. *Sei* que ela está viva. A caminho de Clerres. E a ser maltratada por aqueles que a têm cativa.”

Âmbar alisou as saias. Eu encontrara-a junto da amurada, a olhar cegamente por sobre o bordo do navio. Ondas quebravam-se contra nós mas não vi nenhum sinal de que estávamos em movimento. A necessidade que senti de que o navio estivesse a avançar, a abrir caminho por entre as vagas na direção de Clerres, era uma dor no meu peito. Âmbar deitou-me um olhar vazio e depois virou a cara para o mar. “Como te disse. Há semanas. Há meses! Antes mesmo de partirmos de Torre do Cervo, eu insisti para corrermos para Clerres! Se me tivesses dado ouvidos, já lá estaríamos, à espera da chegada dela. Tudo teria sido diferente. Tudo!” Não havia forma de não compreender a penetrante censura no seu tom de voz. Ela falava como se fosse o Bobo, mas não era.

Fiquei algum tempo parado, meramente a fitá-la. Estava a ponto de me ir simplesmente embora quando ela voltou a falar. Muito baixinho. “Isto cansa-me. E aborrece-me. As pessoas duvidaram que eu fosse o verdadeiro Profeta Branco ao longo de toda a minha vida. Mas tu, tu és o meu Catalisador. Viste o que fizemos. Levaste-me às portas da morte e voltaste a puxar-me de volta. Eu não nego que os meus poderes estão muito diminuídos. Até a minha visão do mundo é luz e sombra.

“Mas quando te digo que os meus sonhos regressaram, quando digo que sonhei uma coisa, e que é assim ou vai ser assado, Fitz, tu, entre todas as pessoas, não devias duvidar de mim. Se eu dissesse que duvidava da verdade do teu Talento, se afirmasse que tinhas simplesmente tido um sonho, não ficavas aborrecido?”

“Suponho que ficava”, concedi. O facto de ela não partilhar a minha alegria por ter finalmente a certeza mas se limitar a censurar-me pelas minhas dúvidas era uma forte bofetada. Desejei não ter corrido para junto dela, desejei ter guardado as novidades para mim. Seria ela incapaz de compreender quão perigoso me parecia acreditar que a minha filha estava viva? Como eu temia a queda de uma esperança tão elevada? Seria incapaz de perceber quão dolorosamente eu me alcandorava, sabendo que Abelha estava viva e temendo pela situação em que se encontrava? O Bobo tê-lo-ia compreendido! Fui abruptamente apanhado de surpresa por quão estranha essa ideia parecia. Seriam realmente o Bobo e Âmbar tão separados nos meus pensamentos?

Sim. Eram.

Âmbar nunca salvara Kettricken, nunca me transportara às costas numa noite nevada. Nunca conhecera *Olhos-de-Noite*. Nunca fora torturada nem mutilada. Nunca servira o Rei Sagaz por entre perigos e traições. Cerrei os dentes. O que, ao certo, partilhava eu com aquela Âmbar? Muito pouco, decidi.

Ela mostrou-se implacável ao prosseguir: “Se tivesses acreditado em mim, estaríamos lá, a observar e à espera. Estaríamos em posição de a recuperar antes de eles conseguirem levá-la para dentro do seu forte. Sendo assim, temos agora de perguntar a nós próprios: eles estão à nossa frente, estão atrás de nós?”

Tentei encontrar um argumento que a mostrasse enganada, mas não consegui. A sua censura era um ataque demasiado penetrante. Eu não partilhara com ela que Breu estivera numa fúria de Talento e que Urtiga e os seus círculos pareciam mal ser capazes de conter um velho, e decidi que não lho diria. Endireitei-me onde estivera encostado à amurada. “Vou dormir um bocado”, disse-lhe. Mais tarde, quando ele fosse o Bobo, eu talvez partilhasse com ele os meus temores de Talento e a minha agonia de preocupação com Abelha. Mais tarde talvez lhe dissesse como a empurrara, para fora do caminho de Breu, mas também para longe de mim. Viera ter com Âmbar cheio de regozijo com o meu contacto com Abelha e de devastação por não conseguir sustentá-lo ou encontrá-la. Mas agora não tinha ninguém com quem partilhar essa tempestade de emoções. Não podia falar com Lante sem o atormentar com o estado do pai. Não queria que Centelha se preocupasse com Breu. Naquele momento, não queria fornecer a Âmbar mais flechas para disparar sobre mim.

“Isso, afasta-te”, disse Âmbar numa voz pequena e mortífera. “Afasta-te, Fitz. De coisas que não queres ouvir. De coisas que não queres sentir. De coisas que não queres saber.”

Eu parara ao ouvir as primeiras palavras, mas quando prosseguiu, fiz o que ela sugeria. Afastei-me. Ela levantou a voz para me gritar, com palavras carregadas de ira. “Bem gostaria eu de me afastar daquilo que sei! Bem gostaria eu de poder decidir não acreditar nos meus sonhos!”

Continuei a caminhar.

Um navio nunca dorme realmente. Há sempre marinheiros de turno e todos têm de estar prontos para saltar para o convés a qualquer momento.

Mas eu estava profundamente adormecido quando alguém me sacudiu o ombro e ergui-me pronto a lutar. À luz encapuzada de uma lanterna obscurecida, vi Centelha a fitar-me com uma mistura de alarme e divertimento. “Que foi?”, perguntei, mas ela abanou a cabeça e disse-me por gestos que devia segui-la. Rolei em silêncio para fora da cama suspensa e abri caminho por entre marinheiros adormecidos.

Sáímos para o convés. O vento estava fraco, as ondas calmas. Por cima, as estrelas mostravam-se próximas e brilhantes, a lua uma lasca. Não me preocupara com uma camisa ou sapatos, mas o ar estava tão tépido que não lhes senti a falta.

“Está alguma coisa errada?”, perguntei a Centelha.

“Sim.”

Aguardei.

“Eu sei que me tivestes em menor consideração por ter levado o livro a Âmbar. Por vos ter espiado para ver onde o guardáveis. E tivestes o direito de estar desconfiado comigo. Da última vez que tentei falar disto convosco, tornastes claro que não queríeis saber nenhum segredo. Bem, venho agora trair outra vez a vossa confiança e conto que a vossa opinião sobre mim piore ainda mais. Mas não posso guardar mais este segredo.”

O coração caiu-me no fundo do estômago. Os meus pensamentos saltaram imediatamente para ela e Lante e temi o que pudesse dizer-me.

“É Âmbar”, disse num sussurro.

Inspirei fundo para lhe dizer que não desejava conhecer nenhum dos segredos de Âmbar. A ira de Âmbar era uma muralha que não queria quebrar. Sentia-me carrancudo e amuado com ela. Se Âmbar tinha um segredo que não queria partilhar comigo mas divulgara a Centelha, bem, as duas que o guardassem para si.

Mas Centelha não se importou com eu querer saber ou não. Falou rapidamente. “Ela sonha com a vossa morte. Quando estávamos no rio, foi só uma vez, no máximo duas. Mas agora é quase todas as noites. Fala e grita-vos avisos durante o sono e acorda a tremer e a chorar. Não fala disso comigo, mas eu sei, porque fala enquanto dorme. ‘O Filho vai morrer? Como pode o Filho morrer? Não pode ser, tem de haver outro caminho, outra maneira.’ Mas se há, não me parece que ela consiga encontrá-lo. Isso está a destruí-la. Não sei porque é que não vos fala dos pesadelos que tem.”

“Saíste agora mesmo de junto dela? Ela sabe que vieste ter comigo?”

Centelha respondeu a ambas as perguntas abanando a cabeça. “Esta noite parece estar a dormir bem. Mesmo quando acorda a chorar, eu finjo que estou a dormir. Da única vez que tentei ajudá-la, disse-me para não lhe tocar e para a deixar em paz.” Olhou para o convés. “Não quero que ela saiba que vos contei isto.”

“Não saberá”, prometi. Perguntei a mim mesmo se, ou como, informaria eu o Bobo de que sabia. Ele dissera-me que quanto mais frequentemente uma coisa era sonhada, mais provável era. Durante os anos que passámos juntos, fora frequente ele ajudar-me a esquivar-me a mortes. Lembrei-me de como chamara Castro ao topo da torre na noite em que Galeno me espancara. Juntos, eles tinham-me puxado para longe da beirada para onde eu me arrastara, inspirado por Galeno para me atirar. No Reino da Montanha avisara-me de um envenenamento. Carregara-me às costas até um lugar seguro quando eu fora tombado por uma seta. Dissera-me frequentemente que nos seus sonhos a minha sobrevivência era tão improvável que era quase impossível, mas ele tinha de me manter vivo, a qualquer custo, para poder ajudá-lo a mudar o mundo.

E nós tínhamos conseguido mudá-lo. Ele sonhara com a sua morte certa e juntos tínhamo-la desafiado.

Eu acreditara nos sonhos dele. Tivera de o fazer, exceto quando eram demasiado terríveis para neles crer. E depois fingira sempre que podia desafiá-los.

E agora ele sonhava com a minha morte. Outra vez. Ou será que não? O Filho Inesperado das suas visões continuaria ainda a ser eu ou seria Abelha? Estaríamos a precipitar-nos para uma salvação que ele julgava não poder ter sucesso? Sentia-me supremamente indiferente perante a ideia da minha morte. Se a minha morte fosse o preço de salvar Abelha, eu pagá-lo-ia de bom grado. E fiquei subitamente aliviado por pensar que Lante e o Bobo estariam lá para a levar em segurança de volta para Torre do Cervos. Sabia que Enigma e Urtiga a acolheriam, e provavelmente fariam um trabalho muito melhor a educá-la do que eu poderia fazer.

Mas se ele sonhava que nós chegaríamos a Clerres e só conseguiríamos fazer com que ela fosse levada pela morte... Não, eu não acreditava, não podia acreditar. Não permitiria que isso acontecesse.

Seria isso que tornara Âmbar tão insensível quando eu lhe contara a minha novidade? Acreditaria ela agora que Abelha estava viva mas não sobreviveria até ser salva?

Não! Tinha de ser eu. O Filho Inesperado era eu, não Abelha. Por favor, Eda e El, Abelha não.

Centelha ainda estava a fitar-me com a cara pálida à luz das estrelas. “Não é a primeira vez que ele sonha comigo morto”, disse-lhe. Consegui fazer um sorriso torto. “Lembra-te: quando ele é o profeta, eu sou o Catalisador. O Alterador. Não faço nenhuma intenção de morrer ou de deixar que mais alguém morra. Volta para a cama, Centelha. Descansa enquanto podes. O que está para acontecer, talvez aconteça. Ou talvez não!”

Ela ficou em silêncio e eu vi uma batalha a ser travada dentro dela. Ergueu os olhos para os prender nos meus e acrescentou num tom desafiador: “Ela vê mais do que admite quando fala convosco.”

Eu respondi com um aceno de cabeça. “Ele sempre o fez”, disse-lhe e virei-lhe as costas.

Deixei o olhar voltar a vaguear sobre a água. Passado algum tempo, ouvi os leves passos dela a levá-la para longe. Deixei sair o suspiro que retivera. Desejei que tudo estivesse acabado. Que todas as dúvidas e incertezas houvessem terminado. Cansavam-me mais do que qualquer combate com o machado. Desejei que já não tivesse mais esperas e preparativos. Mas as águas estendiam-se interminavelmente à minha frente como papel amarrotado à luz insegura do luar.

Algures, naquelas águas, outro navio se deslocava na direção de Clerres, com a minha filha a bordo. À nossa frente? Atrás de nós? Não tinha forma de saber.

CAPÍTULO 22

O Manto de Borboletas

As vespas picam quando o seu ninho é ameaçado. Fui buscar um vaso de barro para a minha mãe. Tirei um do topo da pilha, sem saber que as vespas tinham feito ninho entre esse e o de baixo. Vieram para fora numa horda e perseguiram-me enquanto eu fugia. Picaram-me várias vezes e a dor foi como fogo a devorar-me a carne. Não são como abelhas, que têm de pôr um ataque num dos pratos da balança e as suas vidas no outro. As vespas são mais parecidas com os homens, capazes de matar uma e outra vez e continuar a viver. Fiquei com a bochecha e o pescoço inchados e a minha mão era uma massa informe com salsichas em vez de dedos. A minha mãe pôs seiva de feto e lama fresca nas picadas. E depois pegou em óleo e numa chama e matou-as a todas, queimando-lhes o ninho e os filhos por nascer, em vingança por aquilo que as vespas tinham feito à sua filha. Isto foi antes de eu conseguir falar com clareza. Fiquei espantada com o ódio dela pelos insetos; eu realmente não soubera que a minha mãe era capaz de uma ira fria como aquela. Quando a fitei, enquanto o ninho ardia, ela acenou-me com a cabeça. “Enquanto eu for viva, ninguém te magoará ficando impune.” Soube então que teria de ter cuidado com o que lhe dizia sobre as outras crianças. O meu pai podia ter sido em tempos um assassino. A minha mãe continuava a sê-lo.

Diário de Abelha Visionário

Existem tantas canções sobre navegar até cair da borda do mundo. Algumas dizem que se cai por uma imensa cascata e se chega a uma terra de pessoas gentis e sábias e de estranhos animais. Em

outras histórias, os marinheiros alcançam uma terra de animais falantes inteligentes que acham os seres humanos repugnantes e bastante estúpidos. Aquela de que eu mais gostava era a história de navegar até sair de todas as cartas conhecidas e encontrar um lugar onde somos ainda uma criança e somos capazes de falar com a criança e avisá-la para fazer melhores escolhas. Mas nesta viagem eu tinha começado a sentir que quando se navegava até ultrapassar a borda do mundo se entrava num território de infundáveis trabalho e aborrecimento, com o mesmo horizonte aquático todos os dias.

A realidade de navegar até sair de todas as cartas conhecidas era que o território desconhecido de um homem era a região familiar de outro. O *Modelo Ideal* asseverava que estivera em Clerres e nas ilhas adjacentes quando era o navio de Igot, e que mesmo Kennit lá estivera em rapaz. Igot estivera obcecado com adivinhos e presságios, característica que, segundo algumas histórias, fora transmitida a Kennit. A tripulação que tínhamos embarcado em Partilhas incluía uma navegadora competente. Ela nunca navegara até Clerres mas tinha uma carta que fora do avô. Era uma ajudante de bordo experiente e, quando as rotas comerciais conhecidas por Alteia e Brashen se perderam na distância, começou a passar com eles a maior parte do tempo. Todas as noites consultavam as estrelas e ela gritava um rumo a *Modelo Ideal*, e na maioria das noites o navio confirmava-o.

Os dias lentos fundiram-se uns nos outros. Houve diversões menores. Um dia em que não havia vento que se visse, Clef trouxe uma flauta e conjurou-nos um vento. Se foi magia, era de uma espécie que eu não consegui sentir e nunca antes vira. Fingi ter sido coincidência. Per espetou no pé uma pua, que infetou. Alteia ajudou-me a arrancá-la e tratou a infeção com duas ervas que eu não conhecia. Foi-lhe dado um dia de descanso. *Matizada* fora aceite como membro da tripulação. Todos os momentos em que não estava com Per ou Âmbar, passava-os com *Modelo Ideal*. Empoleirava-se no ombro da figura de proa, ou até no topo da sua cabeça. Quando os ventos eram bons e ele cortava as vagas, ela voava à sua frente.

O que o aborrecimento tem de triste é só aprendermos o seu valor quando um desastre, ou a ameaça de um desastre, o faz explodir. Testemunhei à distância as alterações nas relações entre os membros da nossa tripulação, observando as tensões que qualquer longa viagem ou

campanha origina. Esperei ver essas tempestades interiores desfazer-se e passar por nós, mas numa tarde, enquanto trabalhava ao lado de Lante a remendar uma vela, ele disse-me as palavras que eu temera. “O Fidekennit gosta de Centelha. E gosta demasiado dela.”

“Já tinha reparado que ele gosta dela.” Na verdade, eu reparara que quase toda a tripulação gostava dela. Ant vira-a a princípio como uma rival, e Brashen gritara mais de uma vez à rapariga por ser estouvada no esforço que fazia por se mostrar a melhor das marinheiras. Mas essa competição dissolvera-se numa sólida amizade. Centelha era viva, amigável, capaz e trabalhadora. Usava agora o cabelo escuro e encaracolado numa trança indomável e os pés descalços haviam ganho calos, de tanto correr pelo convés e pelo cordame acima. O sol queimara-a até a deixar tão escura como madeira polida e o trabalho havia-lhe posto músculos nos braços. Brilhava de saúde e de bom companheirismo. E os olhos de Fidekennit seguiam-na enquanto trabalhava, e conseguia quase sempre sentar-se à frente dela à mesa da cozinha.

“Toda a gente reparou”, respondeu Lante num tom sombrio.

“E isso é um problema?”

“Não é. Ainda.”

“Mas achas que vai ser?”

Ele deitou-me um olhar incrédulo. “Vós não? Ele é um príncipe, habituado a ter tudo o que quer. E é filho de um violador.”

“Ele não é o pai”, disse eu em voz baixa, mas não podia negar a vaga de ansiedade que as palavras dele despertaram em mim. Fiz com cuidado a pergunta seguinte: “Centelha está preocupada com isso? Pediu a tua proteção?”

Ele fez uma pausa antes de responder. “Não, ainda não. Não me parece que ela veja o perigo. Mas não quero esperar até algo de mau acontecer.”

“Então estás a pedir-me para intervir?”

Ele enfiou a agulha na pesada tela dobrada. “Não. Só quero que saibais antes que algo aconteça. Para talvez poderdes apoiar-me, se chegarmos a tanto.”

“Não chegaremos a tanto”, disse eu em voz baixa.

Ele virou-se para me fitar com olhos muito abertos.

“Se fores sensato, não vais fazer nada até Centelha te pedir proteção. Ela não é a espécie de rapariga que fuja e se esconda atrás de um homem. Se houver alguma dificuldade, ela deve ser capaz de lidar com isso. E

acho que a maneira mais rápida de a zangares seria intervires antes de ela pedir alguma ajuda. Se quiseres, eu falo com os capitães a esse respeito. Manter a ordem neste navio é tarefa deles. Eu sei que tens sentimentos por Centelha, mas...”

“Basta. Eu faço o que sugeris.” Ele expeliu as palavras entre dentes e depois pôs-se a coser com alguma ferocidade.

Passei o resto do dia a observar Centelha e Fidekennit. Não se podia negar que ele estava consciente dela e que era possível que ela gostasse. Não a vi a namoriscar com ele, mas ria-se das suas piadas. E percebi como Lante, constrangido pela honra e pelo dever, podia irritar-se ao vê-lo. Aquilo deixou-me ao mesmo tempo fatigado e invejoso da juventude dos três. Quantos anos teriam passado desde que eu sentira as pontadas do ciúme e as dolorosas dúvidas de amar alguém com quem não podia ficar? Estar livre desse turbilhão era um alívio mas também um lembrete dos anos que carregava em cima dos ombros.

Vacilei, à beira de intervir. Tentei decidir se devia ter uma conversa privada com Centelha, mas temi que isso lhe parecesse mais uma censura que uma conversa. E se falasse com o Príncipe Fidekennit, não sabia como ele reagiria. Se as suas atenções não passassem de namoriscos amigáveis, eu sentir-me-ia como um tolo metedido. E se ele nutrisse sentimentos genuínos por Centelha, imaginei que reagiria como eu reagira quando a Dama Paciência tentara avisar-me para me manter afastado de Moli. A situação era ainda mais complicada pela minha crescente amizade pelo jovem. O seu orgulho ainda o tornava suscetível, mas era evidente que ele estava a fazer os possíveis para se tornar um marinheiro capaz. Acostumara-se mais a lavar a sua própria roupa e, em geral, a desempenhar as tarefas de que os criados haviam tratado por si desde que nascera, apesar de ainda não saber bem se a tripulação estava a troçar dele ou a brincar com ele quando alguém o incluía num gracejo. O orgulho era uma grande muralha para ele derrubar, mas estava a tentar.

Já por mais de uma vez eu retirara o manto de borboletas do sítio onde o guardava e percorrera o convés como um fantasma, por baixo dele. Num navio onde havia pouquíssima privacidade, só encontrei um minúsculo esconderijo onde podia ficar sem que alguém me pisasse; era ignorado por todos. O longo tempo que passara como espião de Breu levava toda a culpa que pudesse sentir por estar ao corrente das conversas dos outros, mas não as procurava deliberadamente no navio. A forte

amizade de Ant com a nossa navegadora de Partilhas certamente não me dizia respeito, e eu tampouco pretendia escutar as sombrias conversas entre Alteia e Brashen na coberta de popa.

Na noite em que fui encontrar o meu lugar sossegado habitual ocupado por dois dos marinheiros de Partilhas que faziam uma pausa para fumar, vagueei para vante sem fazer um som, na direção da coberta de proa. Parei a uma distância que esperei que fosse segura e senti um ténue alarme ao ver Fidekennit estendido no convés. Dei mais dois passos cautelosos e vi que os seus olhos estavam fechados, mas o peito erguia-se e baixava no ritmo lento e uniforme de alguém profundamente adormecido.

Modelo Ideal falou tão baixo como um pai junto à cama de um filho adormecido. “Eu sei que estás aí.”

“Supus que talvez soubesses”, disse eu, tão baixo quanto ele.

“Aproxima-te mais. Queria falar contigo.”

“Obrigado, mas acho que é melhor falar contigo daqui.”

“Como queiras.”

Acenei em silêncio com a cabeça. Agachei-me no convés, encostando-me à amurada, inclinei a cabeça para trás e olhei para as estrelas.

“Que foi?”, perguntou o navio. Tinha cruzado os braços e estava a observar-me por cima do ombro.

A sua cara era tão parecida com a minha tal como fora naqueles tempos que não soube bem se estava a falar com ele ou comigo. “Uma vez, há muito tempo, tentei afastar-me de tudo. Da minha família, do meu dever. Durante algum tempo, isso pareceu fazer-me feliz. Mas não fez, não realmente.”

“Estás a referir-te a eu restaurar-me. A transformar-me nos dois dragões que estão encurralados nesta madeira há seis das vossas gerações.”

“Sim.”

“Julgas que vou ser infeliz?”

“Não sei. Só acho que podes querer pensar melhor. Tens uma família. És amado. És...”

“Sou uma criatura encurralada.”

“Eu também era. Mas...”

“Não tenciono continuar a ser um navio. Poupa o fôlego, humano.” Após um momento, acrescentou: “Tu podes parecer-te comigo, mas eu não sou tu. As minhas circunstâncias são completamente diferentes. E não pedi para despertar para esta servidão.”

Pensei em dizer que eu nunca desejara o papel que a minha família me exigira. Depois perguntei a mim próprio se teria desejado. Observei o peito de Fidekennit subir e descer lentamente. Muito lentamente. Comecei a pôr-me de joelhos ao lado dele, mas o navio falou. “Ele está bem. Não o despertes.”

O pequeno amuleto que tinha esculpido o perfil do pai estava pousado na base do seu pescoço, com o fino fio de prata firmemente pressionado contra a pele. Pensei no desagrado que me causaria ter algo tão apertado à volta do meu pescoço.

“Não o incomoda”, disse-me *Modelo Ideal*.

“O amuleto consegue falar com ele?”

“Que te importa? Não tem nada a ver contigo.”

“Talvez tenha.” *Avança com cautela, Fitz*. Tentei perguntar a mim mesmo se discutir aquilo com o navio seria menos volátil do que abordar o assunto com Alteia. Enchi cuidadosamente os pulmões de ar. “Há uma jovem no teu convés chamada Centelha. Ela está sob a minha proteção.”

O navio soltou uma fungadela de desdém. “Conheço-a. Ela agrade-me. E não precisa lá muito da tua proteção.”

“Ela é muito capaz, mas não quero vê-la empurrada para circunstâncias em que tenha de se defender. Se se chegar a isso, não me parece que as coisas corram bem para Fidekennit.”

“Que estás a sugerir?”, perguntou o navio, e senti a súbita pressão da sua mente sobre as minhas defesas. Espessei as minhas muralhas, demasiado tarde. O lábio superior do navio ergueu-se no que era quase um descobrir de dentes lupino. “Tem-lo em tão fraca conta?”

“Nunca ouvi ninguém negar o que o pai fez a Alteia. E o amuleto de madeira-de-feiticeiro que ele usa está cheio com os pensamentos do pai. Porque não haveria eu de estar preocupado?”

“Porque ele não é o pai. Não tem as memórias do pai.” O navio fez uma pausa e acrescentou, agoirentamente: “Quem as tem sou eu. Recolhi-as para que mais ninguém tivesse de as suportar.”

Então fui atirado de borco contra a madeira áspera do convés. A pele foi-me arrancada pelo impacto às palmas das mãos e aos joelhos. Tentei levantar-me mas o peso de um homem apareceu de repente sobre as minhas costas e o seu grosso antebraço era uma barra de ferro encostada à minha garganta. Debati-me para me levantar mas ele era maior do que eu, e mais pesado. A sua barba raspou na minha cara e a sua voz era um

rugido quando disse: “Que tenrinho naco de carne que tu és. Resiste tudo o que quiseres; eu hei de domar-te. Adoro uma cavalgada animada.” Uma mão agarrou no cabelo no topo da minha cabeça e empurrou-me a cara contra a madeira. Tentei agarrar-lhe no braço e afastá-lo do meu pescoço, mas as grossas mangas bordadas da sua camisa escorregaram e deslizaram nas minhas mãos.

Tentei gritar mas não consegui inspirar nenhum ar. Apoiei as palmas das mãos no convés e tentei fazer com que o corpo dele caísse de cima do meu. Ouvi outro homem rir quando o homem em cima de mim se pressionou contra mim. Enquanto o antebraço atravessado na minha traqueia cortava todo o ar e centelhas fluuavam na escuridão perante os meus olhos, senti com horror o que ele pretendia fazer-me.

Voltei de repente à consciência de mim enquanto Fitz. Baixei as mãos, que tentavam agarrar um antebraço que não existia. Estava a arquejar, com o medo e indignação de um rapaz. Pus-me em pé, cambaleante. Estava furioso, afrontado e cheio de um medo negro que não conseguia derrotar. *Nunca mais!*, jurei, e depois tornei-me completamente eu. A dor não era minha. A fúria e a vergonha não eram minhas.

“O Fidekennit não sabe nada sobre isso”, prosseguiu o navio baixinho, como se a tempestade de memórias não tivesse acontecido. “Não te vás embora, homem de Cervo. Fica onde estás, e partilharei contigo mais um pouco da juventude de Kennit. Tenho fartura dela. Tenho fartura de horas dele a rastejar, dilacerado e a sangrar, até onde Igrot não podia alcançá-lo. Noites de febre a assolar-lhe o corpo, dias em que os seus olhos estavam inchados até não passarem de fendas devido aos espancamentos. Deixa-me partilhar contigo algumas das minhas maravilhosas recordações de família.”

Senti-me nauseado mas isso só aumentou a minha indignação. “Se ele... se isso lhe foi feito, como conseguiu aguentar transmiti-lo? Como suportou transformar-se na mesma espécie de monstro?”

“Interessante que outro humano não o compreenda melhor do que eu. Talvez tenha sido a sua única forma de se ver livre disso. De não ser a vítima transformando-se no... vitimizador? Não podes imaginar as maneiras como ele combateu os monstros que lhe assaltavam os sonhos. Como se debateu por se tornar em tudo o que Igrot não era. Igrot fingia por vezes ter a finura de um cavalheiro. Era uma fachada e não faço a mínima ideia de onde ela vinha.

“Kennit nunca compreendeu as coisas que ele forçou aquele rapaz a fazer e a ser. Vestir-se como um homenzinho fino com camisa de renda e servir Igrot à mesa, para que o pirata pudesse mais tarde espancá-lo e arrancar-lhe a roupa de cima do corpo. Foi Kennit quem me atacou a cara com uma machadinha. Sabias disso? Eu segurei-o nas mãos enquanto ele o fazia. Igrot ria-se enquanto ele me cortava os olhos. Era esse o nosso acordo. Kennit cegava-me e Igrot não voltaria a violá-lo. Mas Igrot nunca cumpriu a palavra dada a ninguém sobre coisa nenhuma. Mas nós sim. Oh, como cumprimos as promessas que fizemos nas noites escuras e sangrentas!”

Ouvi o navio a fazer ranger os dentes. A vaga de emoções que me assaltou fez-me o coração trevejar e a respiração tornar-se insuficiente. Perguntei a mim mesmo por que motivo Alteia e Brashen não apareceriam a correr. O navio respondeu ao meu pensamento.

“Oh, eles adivinham e suspeitam mas não conhecem tudo o que aconteceu nas minhas cobertas. E também não estão ao corrente desta nossa conversa. Todos aqueles anos, com o meu corpo encurralado como navio e a mente encurralada com um rapaz maltratado! Até ao dia em que os matámos. Ele envenenou-os a todos, com lascas da minha cara moídas e misturadas na sopa. E quando ficaram todos doentes, todos a rojar-se pelo chão e agarrados às barrigas e demasiado fracos para se porem em pé, Kennit acabou com eles. Com a mesma machadinha que tinha usado para me tirar os olhos, tirou-lhes as vidas, uma a uma, e o seu sangue e memórias embeberam-me o convés. Todos os homens que o tinham visto a ser envergonhado e humilhado sentiram aquela machadinha. E Igrot foi o último. Foi com tanto carinho que ele o desmembrou.

“De modo que eu também tenho todas essas memórias, homem de Cervo.” Parou de falar durante algum tempo. Virou-me as costas e perdeu o olhar por sobre a água. “Consegues imaginar, humano? Ter uma jovem criatura que amas a suportar coisas daquelas enquanto tu ficas a ver, impotente? Incapaz de matar quem o atormenta sem o matares a ele? Recebi as memórias dele, uma e outra vez. Por duas vezes recebi a sua morte e mantive-o em segurança até ele conseguir suportar o regresso ao seu corpo. Consegui atenuar-lhe essas memórias mas não pude apagá-las.”

A voz dele tornou-se estranhamente distante, como se falasse de acontecimentos que tinham ocorrido há cem anos. “Kennit não conseguiu

aguentar ficar com essas memórias. Teria de se ter matado. Portanto em vez disso matou-me a mim. Nós concordámos. Eu não tinha mais vontade de viver com as memórias do que ele tivera. Matámo-los a todos, um por um, e o Igrot foi o último. Depois Kennit juntou uma boa porção do saque que estava a bordo, abriu-me um rombo no casco e ficou a ver, do bote do navio, enquanto eu adernava e metia água e finalmente me virava e afundava.

“Tentei morrer. Julguei que morreria. Mas não preciso de ar nem de comida. Fiquei ali, virado ao contrário debaixo de água. As vagas empurraram-me de um lado para o outro e depois uma corrente apanhou-me. E quando me apercebi de que ela estava a levar-me para casa, de volta a Vilamonte, deixei. Foi assim que acabaram por me encontrar, de casco para o alto, à entrada do Porto de Vilamonte, um perigo para a navegação. Arrastaram-me para uma praia, puxaram-me para fora do alcance das marés e acorrentaram-me aí. O navio louco. O *Pária*. E foi aí que Brashen Trel, Âmbar e Alteia me encontraram.”

Havia estrelas no limpo céu noturno acima de nós e ele cortava suavemente as ondas, empurrado por um vento ligeiro mas constante. Podíamos ter sido as duas únicas coisas vivas no mundo. O jovem estendido no convés não se movera e eu perguntei a mim próprio se *Modelo Ideal* o mantinha inconsciente, submerso no sono. Perguntei a mim mesmo quanta desta história ele partilharia com Fidekennit e por que motivo a partilhara comigo.

“Eu não lhe darei nenhuma parte”, disse-me o navio. “Quando partir como dragões, tudo irá comigo.”

“Achas que as memórias humanas vão desaparecer quando te transformares nos teus dragões?”

“Não.” Ele falou com certeza. “São as memórias dos dragões e as recordações das serpentes que existem entre o ovo e o dragão que nos tornam completos. Não esquecemos nada, pelo menos se nos encasularmos e eclodirmos de forma adequada. Eu vou livrar-me do corpo deste navio e da forma da tua carne, mas vou levar para sempre comigo o horror do que os humanos são capazes de fazer uns aos outros por divertimento.”

Descobri que tinha pouco a responder àquilo. Baixei o olhar para o jovem adormecido. “Então ele nunca vai conhecer aquilo por que o pai passou?”

“Já sabe o suficiente. O pouco que Etta, Wintrow e Sorcor sabem, ele

sabe. Não precisa de suportar as memórias propriamente ditas. Porque haveria de saber mais do que isso?”

“Para compreender o que o pai fez?”

“Ah. Saberes o que a criança Kennit suportou faz-te compreender o que o homem Kennit fez?”

Escutei o bater do meu coração. “Não.”

“Nem a mim. Nem o faria a ele. Portanto, para quê pôr-lhe esse fardo em cima?”

“Talvez para que ele nunca fizesse nada semelhante?”

“Aquele bocadinho de ventre de dragão que o rapaz usa preso ao pescoço, esculpido à semelhança do pai, foi usado pela mãe durante muitos mais anos do que por Kennit. Ela passou a infância como prostituta. Consegues conceber que ela pensava em Kennit como a primeira pessoa a tratá-la com gentileza? Que veio a amá-lo por a salvar dessa vida?”

“Eu não sabia”, disse eu baixinho.

“Fidekennit sabe mais sobre violações do que gostaria de admitir, acredita, e duvido que perpetue noutros o que a mãe vê com repugnância.” Inspirou e suspirou, um som que era como ondas em areia fina. “Talvez seja por isso que a mãe lho apertou tanto em volta do pescoço antes de o autorizar a embarcar.”

Fidekennit mexeu-se. Rolou, abriu os olhos e fitou o céu sem proferir palavra. Sustive a respiração e fiquei imóvel. O manto não era uma proteção perfeita. Adotava a cor, a textura e as dimensões aparentes do que estivesse atrás de mim, mas o vento estava a agité-lo e suspeitei que tivesse um aspeto estranho. Mas Fidekennit continuou sem olhar na minha direção. Falou ao céu, ou ao navio. “Eu devia ter nascido neste convés. Devia ter crescido aqui. Perdi tantas coisas.”

“Ambos perdemos”, respondeu *Modelo Ideal*. A sua voz soou gentil. “Não há forma de voltar para trás, meu filho. Agarraremos o que temos agora e guardá-lo-emos connosco para sempre.

“Quando te transformares em dragões, vais abandonar-me.”

“Sim.”

Fidekennit suspirou. “Nem sequer tiveste de pensar no assunto.”

“Qualquer outra resposta teria sido impossível.”

“Vais voltar de visita? Ou vais simplesmente desaparecer para sempre?”

“Isso não sei. Como poderia saber?”

Fidekennit soou muito novo ao perguntar: “Bem, e o que esperas vir a fazer?”

“Acho que vou ter de reaprender a ser dragão. E vai haver dois de nós, eu e no entanto não eu. Não posso falar pelo que acontece depois. Só posso dizer que nos dias que nos restarem, eu estarei aqui contigo.”

Afastei-me, silencioso como um fantasma. Aquela conversa não era para mim. Já tinha mágoas próprias suficientes sem ouvir outro filho abandonado por um pai. Ficara demasiado tempo com a figura de proa. Podia ser que tanto Âmbar como Centelha estivessem a dormir. Desloquei-me ao longo do convés numa série de pausas, evitando a tripulação. Na escuridão da escada da coberta, parei à porta e despi silenciosamente o manto. Dei-lhe uma sacudidela e dobrei-o com cuidado. Bati levemente à porta três vezes. Ninguém falou e eu abri-a com cuidado.

O Bobo estava deitado no chão, de barriga para cima. Entrava uma ténue luz pela vigia, só a suficiente para o entrever lá. “Fitz”, cumprimentou ele amavelmente.

Baixei o olhar para ele e depois olhei para o beliche superior. “Nada de Centelha?”

“Está de turno esta noite. Então? Outra vez o manto de borboletas?”

“Como soubeste?”

“Ouvi o sacudir do tecido junto da porta. Adivinhei que era o manto, e tu acabaste de confirmar. Onde andaste a espiar?”

“Não estava a espiar. É uma forma de estar sozinho. De ser invisível mesmo quando há outros por perto. Mas passei algum tempo com o *Modelo Ideal*.”

“Isso é um passatempo perigoso. Afasta-te, por favor.” Desloquei-me até as minhas costas tocarem a porta. Ele levou rapidamente os joelhos ao peito e tentou pôr-se em pé de um salto. Falhou, caindo de lado sobre o beliche com uma força que deixaria nódoas negras. Não soltou nem um guincho de dor. Em vez disso levantou-se devagar e depois sentou-se no beliche. “Ainda não estou propriamente em condições de fazer isto. Mas estarei.”

“Eu sei que sim”, disse eu. Se bastasse a vontade para realizar uma coisa, o Bobo conseguiria dominar os seus antigos truques de acrobata.

Puxei a minha velha mochila de baixo da cama. Ao enfiar a mão lá dentro, encontrei o tijolo de fogo dos Antigos e assegurei-me de que ele estava virado para cima antes de enfiar o manto dobrado a seu lado.

Estendi a mão até passar pela minha roupa dobrada e pelos livros de Abelha. Tateei os tubos de Prata através da camisa que os envolvia. Os potes explosivos de Breu encontravam-se mesmo no fundo. Ao voltar a deixar tudo bem organizado, perguntei com leveza na voz: “Mais algum sonho, Bobo?”

Ele soltou um som de indiferença. Um momento mais tarde, disse: “Eu devia saber que o *Modelo Ideal* estaria ciente dos meus sonhos. Que foi que ele te disse?”

“Nada sobre os teus sonhos. Mas partilhou comigo, de uma forma impressionantemente vívida, um pouco daquilo que deu forma ao Kennit.” Voltei a enfiar a mochila debaixo do beliche, direita, e sentei-me ao lado do Bobo. Tinha de baixar a cabeça para caber. “Que monstros são os seres humanos! Eu preferia ser lobo.”

Ele surpreendeu-me encostando-se subitamente a mim. “Eu também.” Após um momento, acrescentou: “Desculpa. Tenho estado zangado contigo. Não era justo. Mas também não foi justo duvidares dos meus sonhos. Voltaste a tocar na mente de Abelha?”

“Não. Tentei várias vezes mas não consigo encontrá-la. Tenho de ter tanto cuidado. O Breu anda por lá, enfurecido como uma tempestade. Por duas vezes veio para cima de mim, exigindo que eu me juntasse a ele. A princípio também senti lá a Urtiga e o círculo a tentar mantê-lo sob controlo. Confiná-lo ao seu corpo. Da última vez não os senti de todo. Mas se Breu anda a perseguir-me e Abelha ficar presa nisso, pode perfeitamente ficar com as capacidades para o Talento queimadas. Ela estava muito hesitante e eu empurrei-a para longe. Sei que a confundi.” Parei. Bastava que ele soubesse aquilo. A dor e a vergonha eram só minhas.

“Não me tinhas dito nada sobre isso.”

“Estavas zangado.” Fiz uma pausa. “Bom. É a tua vez. O que sonhaste?”

Ele ficou em silêncio.

Tentei manter a voz ligeira. “Suponho que ambos morremos. Outra vez.”

Ele inspirou profundamente e a sua mão enluvada procurou o meu pulso. “Não quero dormir, Fitz. Fico aqui sentado no beliche, na escuridão, tanto de dia como de noite, e tento não dormir. Porque não quero sonhar. Mas sonho. E a ânsia por divulgar os sonhos, por escrevê-los, é tão forte que me deixa doente. Mas não posso escrevê-los, porque não veria o suficiente mesmo se tivesse tinta. E não quero contá-los a ninguém.”

“Não contares os sonhos deixa-te doente?”

“É como uma obsessão. Os sonhos verdadeiros têm de ser expressados e partilhados. No mínimo dos mínimos, escritos.” Soltou uma gargalhada pouco sonora. “Os Servos contam com isso. Colhem os sonhos dos pobres meio-Brancos como agricultores a colher uvas. Tudo é guardado na sua biblioteca de sonhos e previsões. Tudo é processado, como quem separa o trigo do joio. Tudo é preservado. Sujeito a referência e a referência cruzada. Preparado para ser utilizado por eles, para eles verem o que podem prever e como poderão lucrar com isso.” Encostou todo o seu peso a mim como uma criança a fugir de pesadelos e eu pus o braço à sua volta para o apoiar. Ele abanou a cabeça. “Fitz. Eles vão saber que nós vamos a caminho. Têm Abelha e vão saber que nos aproximamos. Isto não pode terminar bem para nenhum de nós.”

“Então conta-me. Não me deixes ir para isto às cegas.”

Ele sufocou uma gargalhada. “Oh, não. Quem vai para isto às cegas sou eu, Fitz. Tu morres. Afogas-te. Afogas-te na escuridão, na água fria do mar, e em sangue. Pronto. Agora já sabes. Não sei que bem isso nos faz, mas já sabes.” Senti os seus ombros descair no lusco-fusco. “E eu tenho o pequeno alívio de ter contado os meus sonhos.”

Um frio atravessou-me. A minha boca podia afirmar que eu não acreditava nele, mas as minhas entranhas acreditavam. “Não podia morrer congelado?”, perguntei com uma voz falsamente leve. “Ouvi dizer que simplesmente adormecemos e pronto.”

“Lamento”, disse ele, e eu ouvi o mesmo esforço na voz dele. “Não posso decidir como acontece. Sou simplesmente informado de que acontece.”

“E tu?”

“Essa é a pior parte. Acho que eu sobrevivo.”

Passei por um momento de alívio. Depois o momento morreu. Ele não tinha a certeza da sua sobrevivência. “E Abelha?” A minha voz tremeu. “Eu sei que sonhaste com ela viva. Salvamo-la? Ela vai para casa?”

Ele falou com hesitação. “Acho que ela é como tu. É uma encruzilhada de muitos futuros possíveis. Vi-a a usar uma coroa com pontas alternadas de chamas e escuridão. Mas também aparece como grilhetas quebradas. Alguém que liberta coisas. E como o recipiente estilhaçado.”

“O que é o recipiente estilhaçado?”

“É uma coisa tão quebrada que é impossível de reparar”, disse ele em voz baixa.

A minha pequena. A filha de Moli. Tão quebrada que é impossível de consertar. Uma parte de mim soubera que aquilo por que estava a passar teria de lhe fazer isso. Ela ficaria tão quebrada como eu e o Bobo éramos. Algo no meu peito doeu ao pensar nisso. A minha voz rangeu. “Bem. Quem não quebraria? Eu quebrei. Tu quebraste.”

“E ambos saímos disso mais fortes.”

“Ambos saímos disso”, disse eu, modificando as palavras dele. Nunca tinha a certeza de compreender o que a tortura de Majestoso me fizera. Parte de mim morrera naquela cela, tanto literal como figurativamente. Hoje estava vivo. Nunca saberia se perdera mais do que o que encontrara. E era inútil interrogar-me sobre isso. “Que mais?”, perguntei.

A cabeça dele descaiu ligeiramente para a frente e depois saltou para cima. Alterei a pergunta. “Há quanto tempo estás acordado?”

“Não sei. Adormeço e depois acordo sem saber quanto tempo passei adormecido. A cegueira é esquisita, Fitz. Não há dia, não há noite. E não há escuridão, se queres saber.”

“Há mais algum sonho ou ideia que queiras partilhar comigo?”

“Há um sonho sobre uma noz que é perigoso quebrar. Às vezes ouço uma cançoneta disparatada: ‘O laço é o laçador e o laçador está laçado.’ Mas não são sempre sonhos. Às vezes vejo... é como uma encruzilhada, mas uma encruzilhada com um número infinito de caminhos a sair em estrela do centro. Quando era jovem, via coisas dessas com frequência e clareza. Depois de me trazes de volta à vida, não vi nenhuma durante muito tempo. Só voltei a ver uma quando Abelha me tocou naquele dia no mercado. Isso foi incrível. Toquei-lhe e soube que ela era o centro de uma multidão de caminhos. Ela também os viu. Tive de a impedir de fazer uma escolha demasiado rápida.”

A voz dele vacilou e sumiu-se.

“E depois, o que aconteceu?”, perguntei, consternado.

Ele soltou uma gargalhada resfolegada. “Depois julgo que me esfaqueaste na barriga. Várias vezes, mas depois de duas, perdi a conta.”

“Ah.” O frio turbilhonou através de mim. “Não tinha a certeza se te lembravas de alguma coisa.” Senti o peso do corpo dele encostado ao meu ombro. “Desculpa”, disse.

“É demasiado tarde para isso.” Ele deu-me palmadinhas com a mão enluvada e endireitou-se com um suspiro. “Eu já te perdoei.”

O que pode um homem responder àquilo?

Ele prosseguiu: “O *Modelo Ideal*. Quando eu ergui o olhar para o *Modelo Ideal* quando acostámos em Trehaug... ele brilhava de caminhos. Havia aí outros, nessa encruzilhada, que voltavam a Kelsingra ou entravam na própria Trehaug, mas a maior parte dos que levavam a Clerres, os mais diretos, os mais curtos, começavam com *Modelo Ideal*.”

“Então foi por isso que insististe que tínhamos de ficar com ele?”

“Agora já acreditas em mim?”

“Não quero acreditar. Mas acredito.”

“Sinto o mesmo.”

O silêncio reclamou-nos a ambos. Aguardei. Passado algum tempo, apercebi-me de que ele estava profundamente adormecido. Afastei-o suavemente do meu ombro e deitei-o no beliche. Ergui-lhe as pernas para cima da cama. Aquilo fez-me lembrar de como costumava voltar a pôr o Zar na cama depois dos pesadelos, tantos anos antes. O Bobo puxou os joelhos para junto do peito e dormiu enrolado numa posição defensiva. Voltei a sentar-me à beira do beliche. Ele dormiria e sonharia, quer quisesse, quer não.

E eu ia usar o Talento.

Exalei lentamente, deixando a expiração levar as minhas barreiras, e fiquei imediatamente mais consciente do navio. “Perdão”, resmunguei, como se tivesse chocado com um desconhecido numa multidão. Depois ignorei a sua presença e estendi-me para fora em busca da corrente de Talento. Estava lá, mas estava mais calma do que eu a sentia em vários meses. Era tão constante como o vento que enchia suavemente as velas e nos empurrava pelas ondas. Movi-me com a corrente de Talento, deixando que ela levasse os meus pensamentos e vontade na direção de Torre do Cervo e da minha filha Urtiga.

Ela estava a dormir. Introduzi-me nos seus pensamentos de sonho, despertei-a com suavidade. *Como estás tu e o teu bebé?*

O Breu morreu.

A notícia voou da mente dela para a minha, ensopando-me com a sua urgência de que eu soubesse. O seu desgosto penetrou em mim e despertou a minha mágoa ainda não formada. Durante algum tempo, isso foi tudo o que existiu. Não lhe perguntei como. Ele era velho; já se esperava há muito tempo. Privado das ervas e mantido afastado do Talento que usava há tanto tempo para se rejuvenescer, os anos tinham-no apanhado.

Culpo-me. Demos-lhe casco-de-covas para lhe apagar o Talento. Ele tinha-se tornado tão forte e desregrado na magia. Ora estava calmo, ora era como um vento frio a uivar. Dois dos novos aprendizes decidiram abandonar

o treino por os ataques dele serem tão assustadores. Até Expressiva passou a temer os seus momentos de força porque, por mais que se amortecesse, ele agarrava-a e mergulhava-a no Talento consigo. Ela estava aterrorizada. Tal como todos nós!

Portanto autorizei o casco-de-covas. Troquei todos os pajens que tinham andado a fazer os seus recados. Suspeito que lhe iam buscar mais do que comida e vinho! Depois de três dias naquilo, bloqueei-lhe o Talento e ele tornou-se... um velho. Bondoso mas rabugento, e velho. Deixámo-lo voltar a receber visitas de Expressiva; eu tinha sido obrigada a mantê-la afastada dele. Ele... ele não parecia compreender por que motivo tínhamos mantido a filha à distância. Estava tão confuso. Conversava com o retrato de Sagaz... Oh, Fitz, temo que ele tenha morrido a pensar que eu era desnecessariamente cruel, que lhe tinha roubado a filha e a magia, simplesmente por maldade. Simplesmente para o controlar.

Senti Enigma. Ele ouvira-a a chorar, deduzi, e despertara. Senti-o como se fosse uma armadura a fechar-se à volta dela, metal martelado a envolvê-la e a mantê-la direita. Qualquer coisa que quisesse magoá-la teria de passar primeiro por ele. Julguei que a dor me tinha entorpecido, mas de repente o alívio pairou no meu coração. *Estou contente por Enigma estar aí contigo.*

Eu também. Eu digo-lhe isso.

Receberam as mensagens que enviámos por ave?

Sim. A mensagem de Lante para Breu estava presa na mão dele. Não sei quantas vezes Expressiva lha leu em voz alta. Fitz. Ele estava a sorrir quando o encontrámos. Um sorriso calmo e doce.

Apercebi-me de repente. Vou ter de dizer ao Lante. E depois: Não posso.

O teu primeiro pensamento estava correto. Tens de lhe dizer. Tal como eu tive de te dizer a ti.

Direi. Não sabia como nem quando, mas dir-lhe-ia. E a Centelha. Perguntei a mim mesmo se compreenderia agora a compulsão do Bobo para falar dos seus sonhos. Não queria dizer-lhes. Mas desejava desesperadamente partilhar as notícias, como se o desgosto fosse um pesado fardo para ser disseminado entre aqueles que teriam de o suportar.

Sim, concordou ela. E é bom saber que estás vivo. Tentei contactar-te repetidamente ao longo destes últimos dias. Quando nenhum de nós conseguiu alcançar-te com o Talento, tememos o pior.

Estou num navio vivo. A presença dele é... penetrante. Mesmo

enquanto comunicava com ela pelo Talento, conseguia sentir que o navio estava ao corrente do que lhe dizia. *Lamento ter-te preocupado.*

Eu compreendo. Vou acordar imediatamente o Respeitador para lhe dizer.

Então as minhas novidades saltaram de mim sem aviso. O Bobo sonhou que Abelha está viva. *E lembras-te da última vez que consegui contactar-te pelo Talento, quando Breu nos separou tão abruptamente? Senti Abelha. Reconheci o toque dela.*

Os ventos de todos os mundos sopraram entre nós e o murmúrio das ondas sussurrou contra todas as costas. Que novidade era mais chocante? Que Breu morrera ou que Abelha podia ainda estar viva?

Senti o choque dela a derramar-se em mim. *Onde está ela? Como está? Eles maltrataram-na? Ela julga que a abandonámos? Como foi que sobreviveu à passagem pela pedra de Talento? Como é possível que ela tenha sobrevivido e nós tenhamos desistido dela durante meses?*

Não sei. Era esse o tormento: havia tanto que eu não sabia. Não ia dizer à minha filha grávida que a sua pequena irmã era infeliz e maltratada. Sobre isso mentiria, e de consciência tranquila. Eu já passava por uma agonia suficiente pelos dois. Não lhe poria tal fardo em cima. *Só senti um roçar dela nos meus sentidos. Sei que vai rumo a Clerres, tal como nós. Não sei se vai à nossa frente ou atrás de nós. Só sei que está num navio a caminho de Clerres. Isso foi tudo. E o Bobo sonhou com ela, viva. É pouco como base, mas eu animo-me por sabê-lo.*

Os pensamentos dela cobriram-me de repente, uma senhora da guerra despertada. *Vou reunir um exército de guerreiros e utilizadores de Talento. Eliânia abordou-me por mais de uma vez com essa proposta. Chegaremos. Vamos recuperar o que é nosso e não deixaremos para trás nada além de ruínas e cadáveres.*

Não! Por agora não envies nenhuma vasta força nesta direção. Achamos que a nossa melhor hipótese é entrarmos discretamente.

Queres negociar o regresso dela?

Essa ideia nunca sequer me ocorrera. Partira numa missão de vingança, planeando apenas matar. A ideia de Abelha estar nas suas mãos só me tinha deixado mais determinado a ver o sangue deles.

Ainda estou num navio com rumo a Clerres. Decidirei quando lá chegar e estudar a situação. Talvez negoceie. Havia muitas maneiras de negociar. Fazer reféns veio-me imediatamente à mente. Os meus pensamentos dispersaram-se e compreendi que Urtiga o detetou.

Como estás?, perguntei-lhe.

Pesada. Cansada. Feliz. Às vezes.

Às vezes. Quando estava a pensar no bebé e não na morte de Breu ou no tormento da sua pequena irmã. *Desculpa ter-te acordado. E lamento por Breu ter partido. Direi a Lante. E tu agora devias descansar.*

Ela riu-se. *Descansar. Enquanto penso na pequena Abelha nas mãos de raptores. Oh, papi, a vida alguma vez se torna simples?*

Só por uns momentos, querida. Só por uns momentos.

Afastei-me dela como se estivéssemos a soltar mãos que tinham estado dadas. Flutuei um momento mais no Talento. Perguntei a mim mesmo se algum resto de Breu permanecia naquele fluxo, algum fantasma de Veracidade ou talvez até do meu pai. Eu encontrara presenças no Talento. Não tinha a certeza do que seriam, sabia apenas que eram seres muito maiores do que eu. Maiores? Mais ricos, mais profundos, mais completamente formados. Eda e El? Velhos Antigos ou utilizadores de Talento que tinham adquirido mais presença nesse fluxo?

Reuni coragem. *Abelha. Consegues ouvir-me?* Formei uma imagem mental da minha pequenita. Abelhinha. Vi-a com a sua roupa fora de moda vestida, vi os seus olhos cheios de dúvidas a olhar para mim. Senti o cheiro quase desvanecido de madressilva numa noite quente de verão. Depois vi todas as formas de como lhe falhara. Não. Aquilo não estava a ajudar. Assim nunca a encontraria.

Afastei a relutância e tentei reconstruir esse momento de contacto que tínhamos tido. Com Breu a cair sobre nós como uma ventania de verão num pequeno bote, a empurrar, a dispersar e ameaçador.

Fitz, meu rapaz!

Um eco na vasta corrente de Talento. Uma breve recordação de Breu, como um perfume numa brisa de primavera. Morto. Desaparecido.

A inundação de perda foi demasiada. Voltei a tentar contactar Abelha mas estava às apalpadelas em água escura. A minha filha estava tão desaparecida quanto Breu.

Afastei-me da corrente de Talento e abri os olhos para a escuridão do quarto do Bobo. Ele dormia profundamente. Não havia mais ninguém no quarto. Sentado no chão, puxei os joelhos para o peito com força e baixei a cabeça sobre eles. O rapaz de Breu chorou.